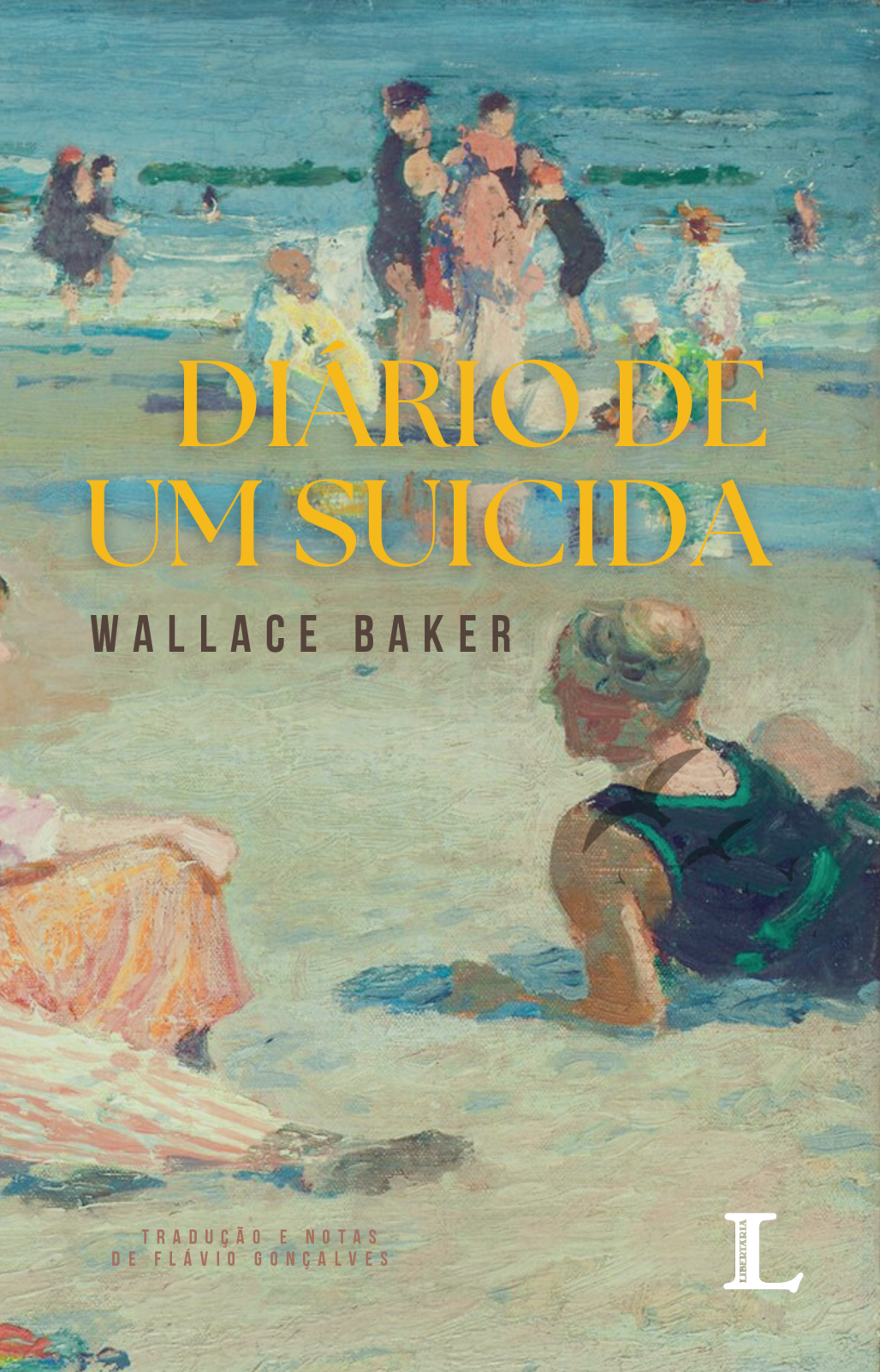

DIÁRIO DE UM SUICIDA
WALLACE BAKER
TRADUÇÃO E NOTAS DE FLÁVIO GONÇALVES
LIBERTÁRIA

Diário de um Suicida

por

Wallace E. Baker

Amadora, 2025

Título Original:
Diary of a Suicide

Nenhuns direitos reservados
© Wallace E. Baker, 1913
© The Glebe, 1913
Copyleft Edições Libertária, 2025

Imagem de capa:
Manhattan Beach de Edward Henry Potthast, óleo sobre tela.

1ª edição: Novembro de 2025

Editor: edicoeslibertaria.blogspot.com
Tradução: Flávio Gonçalves
Revisão: Ana Valadares
Subvenção popular: patreon.com/LibertariaPt
Newsletter: revistalibertaria.substack.com
ISBN: 9798274768979

PATREON

Esta obra foi possível graças ao apoio dos nossos patronos, a Libertária é uma chancela editorial e um projecto cultural independente que depende apenas dos donativos dos seus sócios e dos seus patronos, pode consultar os nossos objectivos em PATREON.COM/LIBERTARIAPT

Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual CC BY-SA 4.0: é permitida a livre reprodução desta obra, mesmo para fins comerciais, desde que o autor e o editor (Libertaria.pt) sejam citados e a integridade do texto ou das partes utilizadas seja respeitada, pode consultar a licença na integra em creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/

Receba os nossos livros como oferta no seu domicílio e contribua para a viabilidade deste projecto editorial com um donativo mensal de 5€ (capa mole) ou 10€ (capa dura). Doe em patreon.com/LibertariaPT ou revistalibertaria.substack.com

ÍNDICE

PREFÁCIO 7
DIÁRIO DE UM SUICIDA 9

PREFÁCIO

A 28 de Setembro de 1913, o Sr. B. Russell Herts, da *The International*, recebeu a seguinte carta:

"*Nova Iorque, 27 de Setembro de 1913.*

Sr. B. Russell Herts,

aos cuidados de International Magazine,

Nova Iorque.

Meu caro Sr. Herts: — Em envio separado remeto-lhe o registo de um jovem que está prestes a suicidar-se. O meu único objectivo é que tal possa ajudar, se publicado em parte ou na íntegra, a facilitar o caminho dos que vierem depois.

Se se dignar lê-lo até ao fim, principalmente a parte final, poderá julgar se deseja fazer algum uso dele. Caso não, tenha a bondade de o enviar por correio ao Sr. ——, Toronto, Ontário.

Suprimi aqui e ali referências a lugares e pessoas com a preocupação de preservar a sua privacidade, porque, naturalmente, depois da morte não me posso preocupar comigo próprio.

Agradecendo-lhe a atenção dispensada a este assunto, subscrevo-me,

Não assino isto, mas poderá verificar a minha morte comunicando com o Sr. ——, a quem escrevo hoje, para que cuide dos meus haveres em Nova Iorque."

O corpo de um jovem bem vestido foi encontrado ao largo de Manhattan Beach, a 28 de Setembro. Nos bolsos foram descobertos uma fotografia rasgada de Strindberg e os recibos de três cartas registadas. Esses recibos foram seguidos até ao Sr. Herts e a amigos em Toronto, um dos quais identificou o corpo, a 2 de Outubro, como sendo o de Wallace E. Baker. Foi sepultado a 3 de Outubro, no Cemitério Evergreen, Brooklyn.

A. K.

Nota: Ao suprimir as referências a lugares e pessoas, Baker mutilou algumas partes do texto. Essas supressões são indicadas por pontos e travessões.

THE GLEBE agradece ao Sr. Herts e a *The International* a autorização para publicar este diário.

DIÁRIO DE UM SUICIDA

—, 26 de Janeiro de 1912. É com sentimentos mistos de esperança, desencorajamento, alegria e dor que começo o segundo livro do meu diário.

A minha esperança nasce do facto de me parecer mais claro o que tenho pela frente; a velha incerteza fica mais em segundo plano; mas há o outro lado de tudo isto. O meu desencorajamento vem da sensação constante de cansaço, menos evidente ao fim da tarde e durante algum tempo à noite, mas extremamente forte em todas as tardes, com poucas excepções. Isto levou ao meu fraco ceder à fraqueza à noite e, só ontem, depois de confiar em ter alcançado um certo domínio, fui vencido. Em parte, porque trabalhei no escritório até quase às dez horas, debitando à firma um jantar com vinho. Embora beba muito pouco, de vez em quando tenho saído para tomar uma refeição decente com vinho, para fugir à monotonia da comida da pensão. Uma garrafa pequena, que quase esvaziei (vinho barato), teve por efeito fazer-me sentir bem — nunca estive sob a influência do álcool mais do que até me sentir bem, nunca sem plena posse das minhas faculdades; mas, nas raras ocasiões em que tomei um pouco, reparei por vezes num enfraquecimento das faculdades, uma espécie de falta de contenção moral. Ontem tomei o bastante para enfraquecer, por algum tempo, as minhas resoluções recentemente encontradas; mas o nojo absoluto e a inquietação que se seguiram levam-me a crer que não me enganava ao

pensar que a luta se trava agora num plano mais elevado.

O meu ordenado foi aumentado no princípio do ano para 22,50 dólares por semana. Embora me alegre com isso, falta-me o antigo prazer de, em cada dia de pagamento, receber mais dinheiro. Dinheiro tenho de o ter para viver; além disso, parece-me uma lastimável perda de tempo gastar a vida numa louca ânsia de obter riqueza ao preço de tudo o que importa.

Havana, Cuba, 29 de Fevereiro de 1912. Ano bissexto e boa oportunidade para encetar uma luta maior. Devo datar o meu recomeço desta vez como 18 de Fevereiro, sendo o dia após a minha última queda. A semana e meia decorrida desde então, porém, volta a dar-me confiança, apesar de, há três ou quatro dias, me ver sem uma noite de descanso, devido a perturbações de estômago e à nervosidade daí gerada; mas isto nada tem de invulgar — isto é, a perda de sono —, pois há muito que não tenho um verdadeiro bom repouso nocturno, e sei que se aproxima uma crise e que tenho de descansar antes que desabe.

Li durante este tempo *Ibsen, o Homem, a sua Arte e o seu Significado*, de Haldane Macfall[1], e isso deu-me grande alento e despertou um entusiasmo intenso. Sinto que estou a recuperar o meu antigo entusiasmo, que estou a recuperar os meus ideais numa base mais elevada, embora, sem dúvida, esteja fisicamente mais fraco do que nunca. Mas, com maior força moral, espero em breve reduzir os "mas", "contudo", "embora", e apresentar-me com mais decisão, mais firmeza, conhecendo-me a mim próprio e com as minhas ideias e ideais esclarecidos.

Durante os últimos dois meses, o primeiro passo nesta tentativa de regeneração tem-se vindo a tornar cada vez mais numa determinação, emergindo de uma mera ideia indefinida — devo voltar a casa por várias razões. Primeiro, estou de todo roto fisicamente e preciso de descanso. Mais importante deverá ser o facto de a minha mãe estar a envelhecer, ter-me chamado constantemente para regressar, preocupar-se comigo, precisar de que eu ponha o ombro à roda mais

[1] *Ibsen: The Man, His Art and His Significance*, 1906.

do que tenho feito. É certo que, de forma sistemática, tenho posto de parte para a minha mãe uma certa quantia todos os meses há muito tempo e a tenho enviado sem falta, mesmo quando, no princípio de 1910, ganhava meros 10 dólares por semana. Isto, pelo menos, manteve-me em contacto constante com o meu querido lar, embora estivesse cheio de contendas.

Embora, em períodos que se repetem com frequência, tenha pensado em regressar a casa durante o último ano e meio, a minha resolução não se cristalizou até começar a sentir a necessidade premente de um descanso — corporal, mental e, diria, moral. Ora quente ora frio, só, sem dormir, cansado e, em geral, depauperado, não tenho conseguido olhar as coisas na sua verdadeira proporção, e tenho de me afastar por algum tempo da luta quotidiana, mantendo, no entanto, a luta mental e moral. Para esse fim, praticamente eliminei todo o divertimento. Noite após noite volto a casa exausto, leio um pouco, geralmente até as luzes se apagarem às 10:30, e depois segue-se o meu sono perturbado. Levantando-me cedo, como hoje (das 7:00 às 7:30 é cedo para mim), ou leio, ou estudo, ou escrevo, como hoje, ou trabalho na minha história, que comecei em Agosto passado e sobre a qual escreverei mais adiante. Esta eliminação das distracções exteriores está a ajudar a fortalecer-me, a ajudar-me a olhar para a frente para uma vida de serviço sem a necessidade de excitações tolas, e o dinheiro que estou a poupar com este apertamento em tudo excepto no indispensável espero que me permita ir para casa, descansar, pensar, exercitar-me e estudar com calma e bom senso durante um ano, pagando à minha mãe uma quantia semanal regular; e espero, ao fim desse ano, ter-me encontrado o suficiente para prosseguir o meu

trabalho com ideias mais arrumadas sobre o que quero e o que devo querer, e tudo para melhor servir os interesses de minha mãe, os meus e o bem dos outros com quem possa vir a contactar. Pelo meio deste ano espero dar o primeiro passo, regressando a casa.

Havana, Domingo, 17 de Março de 1912. O dia 15 marcou um novo começo, e o dia 16 foi muito importante. No dia 14 eu pensara com grande intensidade em planos para o futuro e revi com muito cuidado o terreno de um possível curso universitário. Peguei nas minhas *Self Educators*[2] e examinei as várias disciplinas de estudo, estimei o tempo que teria de despender num curso universitário; as dificuldades financeiras, a necessidade que a minha mãe tem do meu auxílio, o meu temperamento e a acentuada predilecção por certas coisas, assim como a acentuada aversão por outras, o meu nervosismo e a luta mental constante; o resultado de tudo isto foi confirmar o que escrevi a 8 de Janeiro: que eu tinha praticamente abandonado a ideia. A única esperança — ou, antes, possibilidade — que tenho agora em vista é a de poder seguir um curso em certas disciplinas especiais — literatura, teatro, filosofia, lógica e sociologia —, mas detesto matemática. Pego num livro de álgebra com extremo desagrado e, embora o meu entusiasmo em Nova Iorque me tenha levado a estudar esta disciplina com bastante assiduidade, vejo que foi um erro.

Tenho uma tendência nítida e um entusiasmo profundo pela literatura, que foi despertando gradualmente desde as minhas primeiras efusões de rapaz aos 10 anos; e foi perda de tempo negligenciar aquilo em que posso sobressair por causa da ideia errada de que uma educação universitária é extremamente importante.

A razão por que o dia 15 deste mês foi importante é que, na senda da decisão do dia anterior quanto à

[2] Série de revistas britânicas, *Harmsworth Self-Educator*, publicada pela primeira vez no início século XVIII para fornecer material educativo a autodidactas.

universidade e da fraqueza subsequente, dei a 15 um grande passo para me encontrar a mim próprio. Embora soubesse, há já algum tempo, que não me interessavam a matemática, o latim, o grego e, provavelmente, várias outras disciplinas, ainda acalentava a ideia de querer aprofundar-me na filosofia e, talvez, na biologia e, naturalmente, estudar com seriedade a sociologia, a lógica e, porventura, a economia. Tal bastou para me levar a perder um tempo considerável em cadeiras de que não gostava, sobretudo a álgebra.

No dia mencionado, há apenas dois dias, olhei esta questão na perspectiva de um curso universitário especial, eliminando a matemática. Então apercebi-me de que gostava das disciplinas enquanto não se tornavam demasiado abstrusas ou matemáticas. Vi que a biologia, logo que se passa dos livros de divulgação e da *Origem das Espécies*[3], se torna uma disciplina de muita matemática e ciência seca, como o evidenciam os ensaios de Huxley[4], que tentei em vão digerir com entusiasmo.

Agora sei que só quero estudar biologia de um modo geral, por amor à cultura e por sede de conhecimento, que, contudo, não chega para me fazer entrar nos seus pormenores mais áridos. Interessa-me, sim, e muito, a questão da hereditariedade, mas não ao ponto de nela me especializar. A tomada de consciência disto quanto à biologia, surgindo de súbito e com nitidez, provocou-me uma espécie de despertar.

---

[3] *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*; Charles Darwin, 1859. Existem várias edições disponíveis em língua portuguesa.

[4] O autor refere-se aqui a Thomas Henry Huxley, partidário de Charles Darwin e avô de Aldous Huxley.

Comecei a perscrutar as minhas outras tendências e percebi que também não gostava dos pormenores secos e abstrusos da filosofia, nem da economia, mas que, pelo caminho de elaborar uma filosofia de vida, ou de conduta e esperança para o futuro, estava muito, mais do que isso, vitalmente interessado na matéria. Gosto de ler e estudar filosofia enquanto base para um plano de vida; mas, quando se chega às obras que moem o cérebro, como as de Kant e afins, é diferente. Por exemplo, ao ler sobre Ibsen e Tolstói e a sua filosofia do anarquismo, ou o seu misticismo-realista, como lhe chamaram, interesso-me intensamente. Imagino que Nietzsche me seria de grande interesse, possivelmente Schopenhauer e outros — tenciono ainda olhar o ímpeto vital de Bergson —, mas aprofundar-me numa massa de pormenores, não! Procuro luz, uma filosofia de vida; e poderia mencionar James e o seu *Pragmatismo*[5] como mais um nome a ter em conta.

Aproximadamente o mesmo se aplica à psicologia. Quanto à sociologia, continuo indeciso, mas tenho interesse por todas as questões sociais e assuntos de importância à escala mundial.

Mas, quando volto à literatura e ao teatro, deixa de haver dúvida. A 15 de Março, estando no meu quarto a meditar nestas questões e tendo chegado às conclusões acima, apercebi-me num relâmpago de que o meu temperamento era mais artístico do que científico — porém este último vem da minha ascendência alemã e é, sem dúvida, forte. Os pequenos detalhes do trabalho literário não me aborrecem. Naturalmente, gosto mais dos sonhos e, ultimamente, dá-me grande prazer sentar-me e escrever, escrever. Passo horas a recolher

[5] *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*; William James, 1907.

recortes sobre livros, autores, teatro, e também filosofia e psicologia, sociologia, etc., mas principalmente literatura, teatro e ramos afins. Nem sequer os pormenores da gramática me parecem já maçadores e, comparados com a minha aversão à álgebra, vejo que o pior na opção pela literatura é um prazer em confronto com o melhor das outras coisas, sobretudo nos negócios.

Naturalmente, ainda tenho muito a descobrir; mas foi um grande passo livrar-me de tantas dúvidas e fazer da literatura o meu desígnio aconteça o que acontecer, como decidi, sabendo que é a minha única via. Não sei se escrevo melhor contos, romances ou peças. Os contos só me atraem como meio de expressão quando não tenho uma ideia grande o suficiente para algo maior e melhor, mas adoro escrevê-los na mesma. (Só escrevi um de 8.000 ou mais palavras, mas tomei inúmeras notas, escrevi muitos artigos de vários géneros e registei episódios e anedotas, que mais tarde aproveitarei plenamente — e tudo isto com um entusiasmo e um prazer que não se mede por pensamentos de lucro ou sequer de ser publicado, seja como for.)

Por outro lado, o romance é uma incógnita. Não sei se sou bom na escrita descritiva, se a concepção de personagens é o meu forte, ou se a narração é um ponto forte meu, embora me aperceba de que consigo escrever sem hesitar quando relato ocorrências; e noto as peculiaridades e pequenas manias dos meus companheiros de pensão e vejo quão bom material há aqui para caracterização; mas não me é tão fácil pôr isto no papel com aquele toque humano que faz com que se goste de ler certos autores, nomeadamente Dickens.

De novo, o teatro sempre exerceu sobre mim um poderoso atractivo. Sempre gostei de um drama forte, apreciei Shakespeare tanto na leitura como na representação, devorei avidamente críticas teatrais, e ultimamente tenho pensado muito nisto; e sei que gostaria de escrever dramas vigorosos sobre a nossa vida moderna. Contudo, terei de estudar Ibsen, Strindberg, Brieux, Shaw e outros, antes de poder chegar a qualquer conclusão quanto a isto.

Seja como for, ficou para trás um mar de dúvidas e a perspectiva à minha frente é radiante.

Ontem, porém, embora tenha sido um dia de grande interesse, foi também um dia de miséria, o que talvez explique o meu optimismo de hoje — sendo, em mim, acção e reacção muito frequentemente iguais e opostas.

Havana, Domingo, 24 de Março de 1912. Mais um recomeço hoje, e espero que bom. A história inacabada do Sábado, 16, que não consegui relatar no Domingo passado, foi o enterramento do Maine. Decidindo à última hora presenciá-lo, embarquei no Purisima Concepcion por volta da uma hora. Passado pouco tempo, enquanto espreitava por fora de bordo a multidão que se acotovelava, caiu-me de cima uma porção de cabos e aparelhagem e levou-me metade do prazer do dia sob a forma dos meus óculos. Daí em diante assisti a tudo com a lente que me restava segura diante de um olho e atada a um lenço que me cobria o outro, preso atrás da orelha. Foi um expediente miserável e, para cúmulo, trazia uma valente dor de cabeça; frio, e o receio de ter vidro no olho — pois uma das lentes estalara mesmo por cima do olho. Contudo, tudo não passou da canseira de um dia e, quando tudo terminou, dei o dia por bem empregue.

O mar estava muito grosso e muita gente enjoou, mas eu apreciei imenso. Cerca das 5 horas avistámos todos: os navios da Marinha dos Estados Unidos, o North Carolina e o Birmingham, com o Maine ao meio; e, mais além, do lado oposto ao nosso, a diminuta Marinha cubana. Abriram-se as válvulas de fundo e todos observámos com vivo interesse, eu a forçar o meu único olho, esquecendo o resto. Durante vinte minutos o Maine pareceu não encher muito depressa. Às 5:20, porém, o afundamento tornou-se notório; e, enquanto fitávamos, foi assentando cada vez mais fundo, a popa — onde estava o anteparo — afundando primeiro; depois, de súbito, virou-se, a popa foi a pique, a proa ficou erguida no ar num ângulo de 45 graus ou mais — foi uma visão emocionante. Então, com impulso crescente, desceu. Às 5:27 as águas do

golfo cobriam os últimos vestígios de uma das grandes tragédias da História. Foi um espectáculo grandioso; a própria Natureza parecia de luto, pois o dia, claro e brilhante na manhã e no princípio da tarde, fora escurecendo pouco a pouco, e o navio desapareceu com o céu encoberto e um silêncio solene sobre tudo. Sei que foi assim que me impressionou, e todas as minhas pequenas preocupações foram esquecidas perante a cena grandiosa que tinha diante de mim.

Numa tentativa de descobrir o meu estado de espírito durante um dia, do 10 ao 15 mantive um registo breve para ver até que ponto podia contar comigo na luta; e o resultado mostrou-me que me falta exercício, que estou demasiado nervoso e tenso para dar o meu melhor — tudo confirma a sensatez da minha decisão de voltar a casa para me reencontrar depois de um descanso.

Domingo, 10 de Março — Bonito de manhã; abatido mais tarde.

Segunda-feira, 11 de Março — Bem até meio da tarde; depois, cansado e nervosamente abatido. À noite, de novo animado; à hora de deitar, terrivelmente nervoso, abatido, sem sono, inquieto e desesperado.

Terça-feira, 12 de Março — Cansado pelos abismos de negrume da noite anterior; mais calmo depois; noite razoável.

Quarta-feira, 13 de Março — Calmo e entusiasmado; cansado, mas não abatido; depois, agitado na cama.

Quinta-feira, 14 de Março — Quieto e sereno; exausto pelos sobressaltos anteriores; depois, nova

tormenta, muito forte, e abismos de mórbido desespero.

Sexta-feira, 15 de Março — Ambicioso e resoluto — bem todo o dia — noite inquieta.

O que fica acima representa bastante bem a minha luta desde há muito; mas, através de tudo, tenho mantido confiança no triunfo final e um retorno constante aos meus ideais e ambição, e noto uma eliminação gradual de algumas fraquezas. Começo a travar os acessos de melancolia antes de irem demasiado longe, e também sustenho o êxtase, no esforço de preservar um porte calmo e persistentemente constante, nem demasiado quente nem demasiado frio.

Hoje espero fazer um dia-modelo: trabalho contínuo, escrever, estudar, arrumar papéis; sem tempo para autoconsciência, preocupações ou o que quer que seja. Até agora, das 6:25 às 8:25, tem sido o ideal.

—, 24 de Março de 1912, 21:53. Depois de mais uma queda desprezível, a seguir a um dia bom e mau, estou quase desesperado e reconheço que a luta pela vida tem de chegar depressa ao seu auge. Escrevi o que antecede das 7:35 às 8:25 desta manhã. Depois disso, peguei nos meus apontamentos e, por volta das 11 horas, o meu plano de um dia de trabalho árduo foi por água abaixo, por causa de um espírito perturbado devido, bem o sei, a demasiado de uma só coisa. Simplesmente não tenho capacidade para me agarrar muito tempo a uma coisa, embora aquilo de que gosto esteja sempre fresco depois de uma distracção.

Saí para arejar e alguns dos rapazes convidaram-me a atravessar o rio para uma boa caminhada. Consenti e, depois do jantar (aqui, *almuerzo* ou pequeno-almoço), tomámos uma bateira até ao desembarque junto ao Morro, caminhámos até Cojímar, por campos, ao longo da costa e por estradas, e daí até Regla. O Sol ardente e as estradas poeirentas cansaram-me e, esta noite, cansado e estafado, caí. O excesso está a matar-me. Tenho de me refrear e simplesmente não suporto, em dia nenhum, demasiado de seja o que for. Tem mesmo de haver um reajustamento, ou enlouqueço ou desespero. Porém, por baixo de tudo isto, sinto a luta a avolumar-se em mim, e amanhã há-de prometer melhor.

Havana, Terça-feira, 9 de Abril de 1912, 12:30. Alguém disse: "A guerra é o inferno." Eu digo: "A vida é o Inferno", com maiúscula em "Inferno". Deus! E eu que não teria acreditado ser possível, há alguns anos, que um homem passasse por tão prolongada agonia mental. Serei um degenerado? Haverá alguma forma insidiosa de loucura a infiltrar-se lentamente em mim? Gautier disse que nada está para além das palavras. Nego-o — eu poderia ser tão eloquente como jamais alguém foi, ter um comando da linguagem tão fino, ser tão fluente, brilhante como os melhores mestres; mas não conseguiria descrever a agonia que foram as últimas semanas.

Não é só o nervosismo, a solidão e o antigo cansaço; os ímpetos súbitos de entusiasmo, seguidos de estranhos períodos de peculiar calma, ora pacífica, ora em fúria, ora com uma alegria impura não sei em quê; depois o negro desespero, aparentemente sem causa — é mais do que isto. A autoconsciência levada ao extremo, por mais que lute contra ela, e, no entanto, uma absorção profunda em qualquer coisa que realmente me interesse, a ponto de me perder nela. Daí o meu amor profundo pelo teatro, até pelos dramas de imagens em movimento, pelos romances fortes de amor, paixão e estados mentais dos escritores franceses, por pouco que os tenha lido. Se eu pudesse encontrar sempre algo que me interessasse, talvez estivesse à vista a solução; mas, com a mesma perspectiva lúgubre de dia após dia de inferno, inferno, inferno (a outra palavra para negócios, para um temperamento artístico), como posso eu ter uma noite de descanso? Fico deitado, acordado, e passo por todas as paixões ardentes, entusiasmos selvagens, sentimentos extáticos, pensamentos mórbidos, ira

contra a ordem existente das coisas. Eu amaldiçoo tudo, e, no entanto, reconheço quão fútil seria, para os outros, o meu plano de vida.

Desde que escrevi pela última vez, recomecei. Por três vezes perdi o domínio de mim próprio, e a última vez foi há só uma hora. É terrível. Com pensamentos tão nobres que às vezes me assaltam, ideias tão belas quando me sinto em harmonia com tudo no mundo, e depois, sempre, a reacção infernal. Ó Deus! que triste embrulhada fizeste das coisas. Como pudeste fazê-lo? Cometeste um erro terrível — fazer de mim um destroço estilhaçado antes de eu sair da juventude; tirar-me tudo, deixar-me nu, de modo que posso dizer agora que sou absolutamente indiferente a tudo, salvo expressar-me antes de morrer. Esta ideia apoderou-se de mim. Se ao menos eu pudesse escrever um livro que exprimisse todas estas imaginações loucas, anseios sem esperança, o vazio da minha vida, a completa ausência de convívio feminino, duplamente penosa para alguém dos meus humores ardentes e passionais. As prostitutas repugnam-me cada vez mais. Não é moralidade, pois cheguei ao estado em que as coisas não são morais nem imorais — são como são. Não consideraria imoral, esta noite, por exemplo, ter relações com uma rapariga que me agradasse, mas não posso sacrificar o que tenho em mim no leito de quem vende a sua paixão. Quero amor, se o entendo correctamente. E, no entanto, isto não é uma paixão que tudo consome. Tive, até há pouco, tanto ou quase tanto anseio pela educação, e só abandonei a ideia de ir para a universidade porque sinto a aproximação da dissolução, a menos que eu consiga subir para o Norte, reanimar o meu físico e talvez sentir-me, por uma vez, em forma. Ultimamente tenho percebido que há em

tudo isto algo de mais fundo do que antes supunha. O meu cérebro está sobrecarregado, esgotado, moído por demasiado pensar, preocupação, leitura, ódio, medo — mais não sei o quê —, mas tem de vir depressa uma mudança. Assim não pode continuar. Talvez haja em mim algo organicamente errado — Deus, se existes, devias ter-me dado algum vigor varonil proporcional à força mental que imagino ter; e, afinal, será a minha mente fraca, ou terá o meu corpo pobre e débil, e o seu abuso, arrastado esta para baixo, e estará ele capaz de uma ressurreição? Parece impossível que eu tenha nascido para chegar tão perto de certas coisas que tocam as mais profundas cordas da conduta humana, as emoções mais fundas do coração e do cérebro; ter um sentido de humor tão agudo, ver a tragédia que tudo subjaz, sentir uma nota de simpatia pelas manias e fraquezas alheias, mesmo enquanto rio delas ou me torno cínico a seu respeito; andar à beira-mar e sorver-lhe os humores cambiantes — as manhãs primordiais, etéreas e enevoadas; a calma do cair gradual do crepúsculo num dia em que as ondas mal encrespam; os poentes rubros como sangue, com nuvens de efeitos sempre novos; as sombras fundas e misteriosas de uma noite escura, com a Lua reflectida por detrás das nuvens; a noite em que a Lua está no seu esplendor; o dia em que um céu encoberto simboliza a minha alma encoberta. Tudo isto, e mais, me tem feito estremecer — e para nada. Dá-me só forças por mais alguns anos e eu vindicar-me-ei; mas tenho de romper depressa com esta agonia, avassaladora, esmagadora — Porquê, ó Deus?

—, 19 de Abril de 1912, 21:10. Faz hoje exactamente dez dias desde a minha terrível noite de agonia, e volto agora a ter esperança. Depois dessa noite, tive quase uma semana de paz — uma espécie de calma nervosa que, contudo, era melhor do que a anterior. Depois, nova queda, e a última, esta noite — espero sinceramente que seja a última. Tem sido, sem dúvida, a minha salvação o facto de eu voltar sempre à luta com vigor depois de um golpe; mas há várias coisas que me têm enfraquecido, e é só em espírito que recupero; a fraqueza física permanece e aumenta. Nervos — como homem de mente forte, devia hesitar em confessá-lo, mas estou pior do que a mulher comum no meu estado de nervosismo histérico de há tempos, e, além disso, sinto muitas vezes que há em mim algo de profundamente errado; ou então, estou consideravelmente arrasado — de tal modo, na verdade, que uma boa noite de sono é uma dádiva de Deus; um dia calmo e sereno — uma alegria; e, no entanto, também não desejaria demasiados destes últimos, pois o meu espírito aventureiro desafia o corpo e diz: "Ergue-te e faz." Agora, esta noite, sinto-me calmo e esperançoso, e tenho de triunfar ao menos numa coisa. Isso há-de ajudar-me nas outras.

É certo que ainda estou longe de me ter encontrado. Continuo dividido em muitas direcções, mas um sinal animador é a aversão que sinto quase sempre agora pelo que é baixo, ordinário e vulgar. Poderia perdoar-me alguma frouxidão em muitas coisas, mas nunca me perdoo o acto ou a palavra vulgar — apesar da minha falta de código moral neste momento e da indiferença artística a que este se juntou ultimamente, mas espero que só por pouco tempo, uma indiferença letárgica, nascida daquele cansaço que volta sempre.

Uma ideia que se tem vindo gradualmente a formar-se na minha mente e que espero começar a pôr em forma definida daqui a exactamente quatro semanas, e espero então ter atrás de mim quatro semanas limpas como início do meu ano de abstinência da paixão. Durante este tempo, enquanto procuro firmar pé no campo das revistas com contos curtos, a minha grande ideia é escrever um romance sobre as várias lutas e emoções de um jovem ambicioso e errático, prematuramente cansado; e, salvo se outro se me antecipar, muito provavelmente chamar-lhe-ei "Um Jovem Prematuramente Cansado", título sugerido por uma crítica a *Mademoiselle de Maupin*[6], mas que será de todo diferente e há-de tocar as profundezas da agonia e do desespero, em contraste com as alturas do êxtase, os anseios ferozes e famintos, as desilusões terríveis, a paixão sem alívio, a solidão, a ambição, a morbidez, o sentimento poético profundo e as demais emoções de um jovem sensível, excessivamente nervoso, de temperamento artístico e de ampla visão, temperado por muitos paradoxos de carácter.

Encontrei-me o bastante para reconhecer a necessidade de, pelo menos, uma orientação: a de preservar um silêncio digno. A familiaridade grosseira e vulgar dos rapazes que tenho conhecido causa-me cada vez mais repulsa, e vejo que a minha única fuga no futuro é manter uma reserva e uma dignidade para além das quais nenhum homem possa penetrar. Tudo o que eu revelar será por escrito, nunca pela palavra. Fiz progressos consideráveis, mas ainda tenho de lutar, em certas ocasiões, contra uma tagarelice tola.

[6] Théophile Gautier, 1835.

Outra regra que espero seguir mais tarde, pelo menos, será a de cultivar a cortesia e um trato mais cavalheiresco para com os outros, amigos ou não.

Só tenho de vencer uma ou duas pequenas fraquezas e recuperar o que perdi fisicamente para poder triunfar — e hei-de fazê-lo.

—, Domingo, 21 de Abril de 1912. Depois de mais uma recaída na noite passada, começo a pensar que muito do meu chamado idealismo não passa de uma lastimável tolice juvenil e vaidosa. Isto tem-me vindo muitas vezes ao pensamento, mas hesitava em dizê-lo; contudo, se quero ser sincero, tenho de registar o outro lado da questão. Hoje pode ser, ou não, o começo de uma visão mais sensata, tanto quanto o meu temperamento errático e artístico o permita. Em todo o caso, esta tensão — imposta por mim próprio, na maior parte — tem de cessar, ainda que tenha de deitar por terra algumas teorias que me são queridas. Tenho de ser humano, mesmo à custa da virtude. Quase me congratulo por poder, ao menos, rir das minhas próprias manias e apreciar a piada, tal como não posso deixar de, com certo cinismo, assinalar o zelo tolo dos outros por ninharias. O meu sentido de humor é, de facto, a minha graça salvadora.

Havana, Sexta-feira, 26 de Abril de 1912. A esperança dissipou-se, mas estou a progredir. Desde o meu despertar nos últimos meses do ano passado e nos primeiros deste, as reacções têm sido, na maior parte das vezes, breves e intensas. Provavelmente a pior começou há pouco mais de uma semana e atingiu o seu auge ontem. Durante esta semana, embora não tenha tido mais do que uma noite verdadeiramente má, notou-se uma diminuição sensível do meu espírito de luta, e caí temporariamente de novo no velho estado de indiferença. Contudo, recuperei — mais forte, espero — dessa fraqueza passageira.

Havana, Quarta-feira, 1 de Maio de 1912, 4:20. Lenta mas seguramente, a rede aperta-se. Os últimos meses têm sido um inferno como espero que poucos jovens recém-chegados à maioridade tenham conhecido. Dia após dia, o trabalho no escritório torna-se mais um fardo, um jugo. Chegam as 11:15, ou a hora do almoço (*almuerzo*, ou pequeno-almoço, aqui), e sinto-me como se saísse da prisão. Por mais que me esforce por concentrar a minha mente na rotina, mal chego já anseio por me ir embora. O pequeno-almoço e uma hora (mais ou menos) de leitura reanimam-me temporariamente, e em geral consigo ainda uma ou duas horas de trabalho à tarde antes que o cansaço absoluto, o esgotamento mental e a fadiga nervosa se apoderem de mim — e o suplício do dia anterior repete-se. A tensão disto, e a necessidade de aparentar algum interesse pelo trabalho (coisa que, ultimamente, já nem tenho feito em grande parte), repetidas dia após dia com monótona regularidade, são só parte do inferno — mas uma parte de tal mortandade que duvido poder cumprir o tempo de contrato a que me propus forçar-me, só por causa do dinheiro.

Isto tem sido outra causa poderosa para o meu declínio geral. Tendo decidido regressar a casa para delinear o meu futuro, comecei a poupar cada vez mais, eliminando quase por completo os divertimentos — o único que me resta, quase, são as imagens em movimento, que me afastam de mim próprio duas ou três noites por semana. Gosto delas aqui por uma razão: apresentam longas películas divididas em várias partes, que mostram bons dramas da vida. Essas películas são, na sua maioria, francesas, e hoje mal entendo como alguma vez pude interessar-me ou sentir prazer com as vulgares produções americanas, já que

sempre amei o drama e a narrativa continuada, e o *vaudeville* nunca me atraiu. Não fosse esta pequena coisa, as condições actuais seriam insuportáveis — razão por que nela insisto mais do que o relato destes dias talvez justificasse. Um dos principais prazeres da minha vida tem sido o teatro. Sempre tive um gosto constante e presente pela acção e pela situação dramática, bem como pela boa comédia — *burlesque*, *vaudeville*, cinema, farsa e semelhantes sempre me atraíram pouco, embora deva dizer que *Sete Dias*[7] foi uma farsa que apreciei imensamente. Ao vir para Havana tive de renunciar por completo ao teatro — não que antes fosse um frequentador inveterado (por razões financeiras) — mas pela dificuldade de compreensão e, ultimamente, pela falta de energia para me esforçar por compreender, não sendo o meu ouvido dos melhores; e, mais ainda, pela ausência de boas peças e pelos preços escandalosos. Ignoro por completo os numerosos teatros de bairro dedicados a lisonjear os instintos mais baixos dos ignorantes negros, mulatos e até brancos. Nestas circunstâncias voltei-me para o cinema e, indo apenas quando há pelo menos uma película longa que prometa acção dramática, consigo tirar grande prazer deste género de entretenimento — sem dúvida em boa parte porque é a única coisa que me faz sair de mim próprio, permitindo-me viver dentro da peça — excepto a leitura. Foram estas duas — o cinema e a leitura — que me sustentaram nestes meses. Quando me canso de ler, ou, por uma estranha nervosidade, não tenho disposição para isso, se há uma

[7] *Seven Days* é uma peça em três actos escrita em 1909 por Avery Hopwood e Mary Roberts Rinehart. Trata-se de uma farsa baseada na novela homónima publicada por Rinehart em 1908, que seria depois ampliada no romance *When a Man Marries*, um dos grandes sucessos de vendas de 1909.

boa película, vou; caso contrário, obrigo-me a ler e depressa me resigno à noite. Por vezes, um passeio junto ao mar, ao cair da tarde, ajuda-me muito.

Contudo, mesmo com tudo isto persiste aquela sensação de cansaço absoluto, quase até ao esgotamento. Durante o dia consigo escapar às piores consequências mantendo a mente ocupada quando não estou no escritório, e o princípio da noite ou a própria noite passam geralmente sem grandes preocupações. Ficam, assim, os períodos de enfado no escritório, esperando e ansiando pela hora de sair, de me deitar e pela noite mais tardia. Prova de quanto regredi fisicamente é o facto de que, de Outubro a Dezembro de 1908, nos meus primeiros meses em Nova Iorque, eu conseguia trabalhar das oito da manhã às seis da tarde, e três ou quatro noites por semana, só com uma hora de intervalo para o almoço e... Agora, trabalhando menos de sete horas por dia, cada semana me parece mais longa, mais cansativa. O enfraquecimento das minhas forças tem sido gradual e, até certo ponto, imperceptível, mas constante, inexorável, e agora encontro-me perante uma condição que significará o fim de tudo, se se prolongar por muito tempo. Durante estes anos, no íntimo, tenho protestado contra tudo isto. Arrancado da escola quando liderava a turma — e sem grande esforço — pelas circunstâncias, comecei uma carreira comercial cheia de esperança, de ambição sem limites e de ideais semi-formados de rapaz. O facto de ter deixado a escola por vontade própria, aparentemente, não invalida que as circunstâncias tornavam cada vez mais imperiosa essa decisão, e eu só me limitei a agarrar o touro pelos cornos, como fiz muitas vezes depois disso. Recordo com grande nitidez um episódio do início da minha vida comercial,

quando trabalhava numa loja de... Eu mantinha um livro de crédito de devoluções e dessa forma tinha bastantes contactos com as raparigas dos vários departamentos. Nessa altura, era bastante indiferente aos encantos femininos, embora a paixão sexual, a despertar, começasse já a infiltrar-se nos meus estados emocionais e mentais — e assim vinha a acontecer há cerca de um ano. Tinha então quinze ou dezasseis anos (não sei se tal ocorreu antes ou depois do meu aniversário). Uma das raparigas — algo leviana, mas, olhando agora, observadora perspicaz — veio ao meu balcão no escritório (organizado em moldes semelhantes a um banco, tendo eu um balcão e o caixa outro), com algo ou a propósito de algo devolvido. Franzi o sobrolho, por qualquer razão, provavelmente por estar pressionado de trabalho. Ela então fez uma observação cuja profecia se demonstrou amplamente: "És ainda um rapaz, mas nunca serás um jovem", e algo mais sobre eu saltar directamente para a idade adulta. Era só uma rapariga de loja, mas acertou em cheio, como os factos posteriores o comprovaram. Nesses tempos, depois das minhas pequenas histórias para..., eu gostava de ler e talvez esperasse ir para a universidade um dia, vagamente. Era muito aplicado e ambicioso no trabalho — o que se manteve, mais ou menos, até algures no ano passado, quando o crescente cansaço, o nervosismo, a mudança de ideias, de ideais e de perspectiva se conjugaram para precipitar rapidamente o meu estado actual, em que detesto positivamente o meu trabalho quotidiano. A principal razão disto, sem dúvida, é o facto de ter negligenciado quase por completo o exercício físico e de ter chegado agora ao ponto em que a natureza exausta já não admite recusa.

Já comentei, em diversas ocasiões, as perturbações que me assombram à cabeceira, e esta noite — ou melhor, hoje e a noite passada (pois são agora quase seis horas, e a vela diante de mim perde rapidamente a luz) — é só mais um exemplo da frequência com que o nervosismo me persegue à hora de me deitar... Afastei-me de toda a tentação de me entregar a prazeres sexuais desde o princípio deste ano e, embora não tenha conseguido inteiramente até ao presente — tendo apenas cinco dias de absoluta abstinência de qualquer excitação sexual e talvez vários meses sem contacto directo —, mudei radicalmente em relação aos excessos dos primeiros meses em Havana, embora mesmo esses não fossem excessos se comparados com a média de um vasto número de pessoas aqui e noutros lugares.

Esta contenção, naturalmente, elimina uma fonte vital de alívio para a necessidade premente de escapar de mim próprio. Por vezes, desde os meus vinte anos, quando se previa uma noite nervosa e sem sono, o contacto sexual trazia o alívio tão necessário, e a este seguia-se o sono. E, no entanto, tal era a força da atmosfera convencional em que fui criado e vivi, que, apesar das minhas ideias radicais e suposta liberdade de espírito, pensava ser, de algum modo, errado e dissimulado procurar alívio por esse meio. Amaldiçoava-me como fraco, lutava, resistia semanas inteiras — e depois sucumbia novamente. Só recentemente comecei a ver o assunto sob outra luz.

As minhas ideias agora são que o nosso sistema actual de relações sexuais é absolutamente falso. Esta conclusão deve-se mais ao meu próprio raciocínio do que a qualquer literatura radical que tenha lido. Antes de mais, deveria haver liberdade. Qualquer homem

deveria poder ter relações com qualquer mulher que o desejasse, desde que o fizessem por amor. Não deveria existir a noção de "criança ilegítima". Se uma mãe não estivesse em condições ou não quisesse criar o filho, o Estado deveria fazê-lo. Naturalmente, quando digo que deve haver liberdade, não quero dizer que, se um homem vivesse com uma mulher (legalmente, como todas essas uniões o seriam, sem contestação), eu tivesse perfeita liberdade de me intrometer; mas, se em qualquer momento a relação se tornasse insustentável, o divórcio deveria ser automático. O casamento poderia ter uma duração mínima, e prolongar-se pelo tempo que as partes envolvidas desejassem. Não deveria haver coacção de parte alguma. A mulher deveria ficar com os filhos, se assim o quisesse, mas, se não pudesse cuidar deles, o Estado deveria fazê-lo. Mesmo sem um Estado socialista, isto poderia ser posto em prática, ao menos em parte.

O comércio da carne branca deveria ser abolido enquanto comércio. Se uma mulher, por vontade própria, quisesse tornar-se instrumento de todo o homem que lhe aparecesse, talvez não pudesse ser impedida, mas todos os que lucrassem com isso, para além dela, deveriam ser severamente punidos. Todos os doentes deveriam ser proibidos de manter relações sexuais.

Mesmo no estado actual da sociedade, há solução para um dos problemas. Muitos jovens, como eu, têm paixões sexuais fortes, mas não gostam de se misturar com aquelas que, partindo de uma ideia degradada das relações sexuais, a corromperam. Ora, encontramos raparigas também passionais que, não fosse o saberem que a sua vida ficaria arruinada, ficariam contentes por se unirem connosco numa base de atracção e paixão

mútua. Tal traria a ambos um alívio da mortal monotonia dos assuntos vis e quotidianos — se a rapariga pudesse continuar a sua vida como o homem, tendo o direito de ter um filho legalmente, que poderia criar por si mesma ou confiar aos cuidados do Estado. Tal atenderia a esse vasto grupo de homens que, por várias razões, não se encontram em condições de casar, e a um grupo igualmente vasto de mulheres que não conseguem encontrar maridos adequados, mas que sentem o vazio nas suas vidas — e também às mulheres que desejam ter filhos e consideram, ou considerariam se a sociedade o permitisse, que não é da conta de ninguém quem seja o pai. Deveria ser crime ter relações quando se está doente, e o simples facto de se poder, impunemente, ter relações com uma mulher por amor dissuadiria um grande número de homens de as procurarem entre as que só se entregam por dinheiro e são susceptíveis de transmitir doenças. Isto deixaria, então, os homens que sentem mórbido um gosto pelas formas mais baixas de perversão sexual para as prostitutas e para as mulheres profissionais do sexo (comparativamente poucas) que, por natureza, se sentem atraídas por, ou dispostas a tolerar, a embriaguez e a bestialidade que acompanham um certo tipo de homem — tipo esse que, esperemos, se tornará cada vez menos numeroso à medida que o radicalismo cresça.

Assim, agora, com ideias radicais, esforço-me por alcançar o meu antigo estado — o de antes dos meus vinte anos —, durante pelo menos um ano, a fim de resolver isto juntamente com outros problemas, pois, no meu actual estado de fraqueza física, não posso arriscar um enfraquecimento adicional. Por isso, luto contra isto todas as noites e espero que, em breve, a

minha natureza se resigne até ao meu vigésimo terceiro aniversário, altura em que espero ter um plano de acção mais claro.

Começando isto numa insónia nervosa, termino às 6:30 da manhã, mais de duas horas depois, com a cabeça lúcida — mas, claro está, o cansaço permanece ali, latente.

Havana, Sexta-feira, 10 de Maio de 1912. Mais um aniversário — o meu vigésimo segundo — e tenciono que este ano seja o melhor de todos até agora. O anterior foi o pior e o melhor; o pior, pela minha aguda nervosidade, pela excessiva autoconsciência e pelas acções insensatas dos primeiros meses em Havana; o melhor, porque despertei de uma letargia e de uma busca cega no escuro para um esforço consciente de me encontrar e de ser eu próprio; e é a este fim que dedico o meu vigésimo segundo ano.

Não espero resolver tudo em pormenor durante este tempo, mas espero decidir um plano geral de vida — uma política de conduta e de filosofia —, sendo que, por necessidade, a maior parte dos detalhes levará anos a definir-se. A esperança e a ambição, temperadas pela experiência, são dominantes, e os meus períodos de calma tornam-se mais longos e mais frequentes; na verdade, têm predominado de modo gratificante em comparação com o que ficou para trás.

Começo de novo um ano de liberdade em relação à excitação sexual — ou tal é o meu plano —, pois um dos problemas que há que resolver é precisamente o do sexo. Será um inferno conter-me por completo em todos os aspectos, mas sinto que devo fazê-lo para reunir os meus pensamentos e sentimentos, que se vinham tornando algo confusos neste, como noutros assuntos, devido aos meus humores, paixões e emoções flutuantes.

Tenho a vantagem de partir de uma base o mais ampla possível — a posição agnóstica, tal como a entendo. Não estudei Spencer, nem reduzi o meu agnosticismo a qualquer posição dogmática de cognoscível ou incognoscível, mas foi sempre assim: não creio nem nego; a minha mente está aberta; estou

disposto a aprender, a ouvir todos os que tenham uma mensagem séria a transmitir. É certo que, até ao presente, não tenho dedicado muito estudo sério a essa questão, tendo lido consideravelmente mais sobre filosofia do que filosofia em si, mas tive sempre essa inclinação e, sendo ainda jovem, talvez tenha sido melhor não ter tentado ir demasiado fundo na questão antes disto; e, mesmo agora, irei devagar.

A questão, contudo, foi-se estreitando sem que eu desse por isso. Reflecti suficiente para rejeitar a doutrina cristã de Cristo como filho de Deus e, deixando de parte as religiões e filosofias menores, manifestamente cheias de erros — salvo algum grão de verdade que porventura se esconda por entre a palha —, restam-me a teosofia, o monismo, o espiritismo e as que se enquadram sob o título geral de materialismo: racionalismo, livre-pensamento, positivismo e outras semelhantes. Mas, como não vejo que nenhuma tenha por base a Verdade Absoluta — palavra já de si tão abusada —, suspeito que terminarei onde comecei: como um agnóstico pragmático, negando que no nosso mundo exista qualquer Verdade Absoluta, seja o que for que possa haver além dele, que desconhecemos. Ainda não li James, mas fá-lo-ei; e creio que não darei grande atenção ao espiritismo, pois não há provas satisfatórias que o sustentem, e há charlatanismo de sobra para dele afastar qualquer espírito sincero que procure a verdade.

Havana, Quarta-feira, 22 de Maio de 1912, 00:12. Não vale a pena — tenho de reconhecer a derrota. Nasci com tal disposição de Jekyll e Hyde que nunca estou normal, ora tão cheio de ideais que tudo o que é bom e nobre me parece possível, ora tão negro que recuo de mim próprio, horrorizado — ainda que tenha sido mais em pensamento do que em acto que transgredi ou fui idealista. Não é que tenha cogitado actos de violência, mas uma coisa, o sexo, é a causa do inferno acabado que tem sido a minha vida. No ano passado, tolamente, julguei poder fazer de mim o que quisesse, ser coerente e normal; vã esperança, e foi preciso esta noite para mo mostrar. Depois de todas as minhas aspirações nobres, esperanças, amor da literatura e das coisas belas da vida, não consegui manter a resolução do meu aniversário. Tortura é a única palavra que o descreve. As minhas paixões sexuais, desde o seu primeiro despertar, não me deram descanso — nem darão. Nunca tive, em tempo algum, uma rapariga que me amasse, nunca sequer beijei. Com paixão quase incontida e, no entanto, capaz de me satisfazer com abraços e toques em vez da consumação final, não tive, porém, essa possibilidade senão com as mais baixas, que me enchem de repugnância, ou então atraem-me numa paixão louca que, no momento, é insaciável. Muito disto se deve à minha miserável saúde física, à força nervosa arruinada e à ausência absoluta de qualquer espécie de amor, por tempo tão longo, que sou demasiado egoísta e centrado em mim para alguma vez vir a valer o que seja. Quem é o culpado? Morto meu pai, como o hei-de culpar pela sua parte? A minha mãe é a única esperança que me resta no mundo. Sem ela, o suicídio pareceria a única alternativa, e eu tenho... que é isto, afinal, senão a coragem imaginada de um fraco, o meu egoísmo será

a prosápia de um degenerado? Há um mês eu não ousaria escrever isto; mas, a menos que este Verão me restitua, hei-de soçobrar rapidamente. Tendo começado a afundar-me por todos os lados, não ouso meter-me em seja o que for sem uma noite em claro.

Escrevo este registo agora só pelo uso que possa ter como documento humano. Pode servir de aviso aos que, por ignorância, trazem crianças ao mundo para sofrer. Dar-me-ei por pago. Caso eu sucumba de súbito, é meu expresso desejo que as minhas cartas e papéis — incluindo este e o meu outro diário — que digam respeito à minha luta contra um destino inevitável sejam enviados a . . . para que, sem usar o meu nome de modo a envolver a família, ele possa utilizar as partes deste registo e desses papéis que ajudem a mostrar a história de vida de um jovem prematuramente cansado, se eu não lograr escrever isto, em forma de ficção ou outra, antes do fim. Lenta, mas seguramente, aproximo-me do ponto em que nada importa. Algo me puxa sempre para trás antes de ir demasiado longe; mas será sempre assim? Se, uma vez, eu passar de certo ponto nos meus humores negros, a vergonha impedir-me-á de tentar erguer-me de novo. No fundo do coração, porém, tive — e tenho ainda, no meu mais desesperado instante — a convicção de que possuo em mim a capacidade de fazer grandes coisas: o meu amor pelas coisas mais finas, a aguda apreensão do carácter, de modo a ver através de muitos dos que encontro — onde surge muita da minha constante impopularidade —, o grande cuidado nos pequenos detalhes, o gosto pelo asseio e pela ordem, paixões fortes, entusiasmo, e muitas outras coisas que, nos meus bons momentos, não chego a abarcar por completo; mas a minha fraqueza física anula tudo e

deixa-me um fraco sem remédio, vacilante e desesperadamente infeliz.

Havana, Quarta-feira, 5 de Junho de 1912. Sinto-me bastante castigado, após a mais profunda repugnância por mim próprio e por toda a gente, e, já agora, por tudo o mais. Devo afirmar com toda a ênfase que, em grande parte, tudo o que ficou para trás (ao menos nos últimos seis meses) se deve a doença; não uma doença específica, mas um estado geral de abatimento, nervosismo e cansaço extremo do corpo e da mente. Portanto, embora hoje volte a começar com esperança para continuar a lutar, faço-o com menos entusiasmo desenfreado, menos tensão. Afinal, o mundo não gira à minha volta. Por vezes julguei que sim, ou pelo menos procedi como se julgasse.

Estando mais calmo na minha determinação, confio em que as reacções sejam menos violentas. Tenho a sensação de que basta superar este estado de cansaço e nervos para estar, de uma vez por todas, no caminho da vitória sobre mim mesmo.

Uma coisa farei — deitar borda fora, por assim dizer, as minhas ideias preconcebidas e semi-formadas e começar como uma criança. Apeguei-me em demasia à convenção e ao preconceito, enquanto me elogiava pelo meu radicalismo.

É claro que tudo depende da recuperação da minha saúde. Sem isso, a vida não valerá, de facto, a pena ser vivida, porque as próprias coisas que o meu coração e a minha mente se propõem realizar serão impossíveis, e uma vida convencional, arrastada, dedicada à acumulação de dinheiro, é-me impossível. A morte é muito preferível. A arte, a filosofia, o amor da vida na sua nudez, sem falsa convenção, hão-de ser a minha palavra de ordem — não para a felicidade, que essa seria impossível, mas para um interesse suficiente que me leve por diante.

Havana, Sábado, 8 de Junho de 1912. Vou chegando, gradual mas inevitavelmente, à conclusão de que a única maneira de seguir em frente é deitar por terra tudo em que acredito e pagar o preço. Se o tivesse feito antes, talvez me tivesse poupado grande parte desta mesquinha luta pessoal e tivesse empregue a minha energia divina em coisas maiores. Deixei que as falsas convenções combatessem o amor natural à liberdade e ao radicalismo de índole artística, dissipando forças vitais em paixões ímpias quando as poderia ter lançado na grande luta. Agora, hei-de vencer ou morrer, vitória ou morte. A morte, mesmo pela minha própria mão, é preferível a esbanjar a tremenda paixão e a energia nervosa e mental que tenho numa vida de conforto convencional, desprezando-me a mim próprio e odiando os outros, e sendo odiado. Oh! se ao menos tivesse conservado em vez de desperdiçar; mas, mesmo agora, à última hora, não é tarde de mais. Agora, hoje, avançarei para o meu destino.

Havana, Quarta-feira, 12 de Junho de 1912. Reflectindo mais sobre a decisão de Sábado passado — ou melhor, sobre aquela que há muito se vem formando em mim —, devo acrescentar que, não estando eu demasiado seguro quanto aquilo em que não creio, o tempo terá de ser um factor de grande peso nessa questão.

Depois, também, devido àquele cansaço e nervosismo, tenho, nos últimos seis meses, dado demasiada ênfase ao lado sombrio.

Nunca, por mais do que brevíssimos instantes, contemplei a autodestruição, como por várias vezes insinuei. O pensamento passou-me pela cabeça nos meus humores mais negros, mas não sou um cobarde e hoje devo dar um passo adiante e afirmar que lutarei até ao fim contra todas as dificuldades exteriores, bem como contra a má saúde e os defeitos naturais de temperamento e hereditariedade. Doravante, quaisquer desvios a um certo padrão — até eu o alterar pelo pensamento e pela experiência — considerá-los-ei, como cumpre, fraquezas a superar.

Tudo isto pode ser o que venho a reiterar vezes sem conta, mas o meu despertar de hoje é um pouco mais amplo. Deixo o padrão bastante flexível, mas firme o suficiente para ser uma rocha em mar tempestuoso, até que as águas acalmem; e então a minha mente deverá estar mais clara, para eu poder reajustar as várias incertezas, ao menos até certo ponto.

A vida — e uma vida plena —, mais do que a mera razão, creio que será esse o desfecho; mas com a razão e a filosofia, presidindo a tudo como um juiz benigno, assim o espero. Quem sabe?

Havana, Sábado, 15 de Junho de 1912. O meu contrato termina hoje e, durante vários dias no princípio da semana, pensei em partir de repente e afastar-me disto tudo para descansar, apesar de chegar um qualquer aviso a produzir efeito no dia 29. Meditei, porém, e, do ponto de vista da falta de preparação, da dúvida e talvez da honra — não o fiz — ou, antes, não o farei — pois o paquete parte amanhã.

Ao pensar o problema da sociedade, ocorreu-me — ou veio-me ao espírito — quão pouca utilidade têm as benemerências dos ricos para realmente ajudar alguém necessitado, pessoalmente. Lembro-me de como eu costumava ter tal paixão pela educação — queria tanto saber. Escrevi a Carnegie, a Patten, a Pearsons e a E. H. R. Green, não a mendigar dinheiro, mas afirmando o meu grande desejo de uma educação e pondo a questão de modo a pedir ao secretário que me encaminhasse para qualquer comissão que tivessem para ajudar quem desejasse obter instrução. A minha fraqueza física excluía a ideia de pagar os estudos trabalhando ao mesmo tempo. Naturalmente, não recebi qualquer resposta, e então compreendi que os mais ambiciosos ou merecedores bem podiam estar de rastos que toda essa caridade de nada lhes valeria.

O aspecto pessoal da questão há muito que ficou esquecido; mudaram as minhas ideias sobre o valor de uma educação universitária em relação à maior educação da vida; qualquer rancor que eu pudesse ter contra esses homens foi-se; o meu olhar sobre a vida é agora outro; as coisas que me importam agora são poucas, e rareiam.

Se a saúde mo permitir, a necessidade de ganhar a vida levar-me-á a escrever por dinheiro, até certo ponto; mas, com um rendimento que me permita

apenas viver, penso que devo escrever do coração — pelo grande desejo, porque encaro a escrita como arte, não como negócio. Contudo, se a minha saúde continuar como está ou piorar, não sacrificarei o pouco de vida que me resta no altar do deus moderno — o dinheiro. Hei-de escrever com sangue a agonia que me tem roído o coração e o cérebro e dá-la ao mundo, se a quiser, pelo que valha. Quanto a mim, espero pouco; mas poderá ajudar a compreender melhor naturezas como a minha e, no futuro, a fomentar um pouco mais de tolerância, uma tentativa de compreender, por parte de pessoas de bem. Mas se o escreverei, ou não, fica por ver.

Antes disso, porém, tenciono acautelar-me para não cair, por piedade de mim próprio, no erro apontado no número de Dezembro de 1911 da *The International*, "A Ilusão de Upton Sinclair".

Havana, Terça-feira, 25 de Junho de 1912, 19:10. Vai-se tornando cansativo, estas reformas morais e recaídas. Mas, mesmo agora, posso estabelecer uma filosofia preliminar à qual tenho de subscrever, queira ou não . . . . dá uma linha geral de conduta que conduz ao progresso em sentido amplo e tendo em conta a natureza humana, a sua força e a sua fraqueza.

A vida, naturalmente, vem primeiro. A menos que um homem vá deliberadamente planear o seu suicídio, tem de viver. Todas as considerações sobre a morte por causas exteriores devem ficar de fora, porque estão fora da sua esfera de influência. Por viver entendo tocar as profundezas e as alturas, cada qual segundo a força das suas paixões e do seu temperamento. Não deve ser asceta, salvo em certas condições; e o ascetismo, como plano de vida deliberado, é absolutamente errado para um jovem — se o será para quem é mais velho, o tempo o dirá.

Por exemplo, se um homem tiver uma natureza sexual fortemente passional, deve satisfazê-la o suficiente para se poupar a perturbações nervosas tremendas, devidas a reprimir-se. Contra toda a moralidade ou padrões convencionais, a satisfação não só é justificável, como não se satisfazer é um crime contra a natureza humana. Se um homem for de disposição fria e fleumática, um ascetismo limitado, nisto como noutras coisas, pode ser mais um bem do que um mal.

O que fica acima é limitado por condições e circunstâncias. A doença, claro está, deve ser rigidamente prevenida. É matéria que reclama uma acção conjunta por parte das sociedades do mundo. Partindo do princípio de que o homem de temperamento artístico toma estas precauções e

satisfaz as suas paixões, deve refrear-se logo que essa satisfação se torne uma fonte de fraqueza, e não de força.

Por outras palavras, enquanto a satisfação dos sentidos não enfraquecer sensivelmente alguém, essa satisfação é boa e moral e conduz à vida; mas, quando se torna fraqueza e ameaça a força física e mental de um homem, deve refrear-se. A **vida** vem primeiro; mas, por vida, entendo vida com **vitalidade**. Assim, tudo quanto contribua para essa força, para uma vida plena e para uma satisfação saudável dos sentidos, é bom.

Este é o meu primeiro esboço definido da filosofia que tenho procurado alcançar. Cheguei até aqui sem ler qualquer filosofia, salvo esboços e recensões. Agora, hei-de ler e estudar a vida e construir a partir destas bases. A minha filosofia é antes mais individualista do que socialista, mas, naturalmente, admite uma reconciliação entre socialismo e anarquismo. As opiniões convencionais ficam inteiramente fora de consideração. Compete ao indivíduo decidir até que ponto se deixará guiar pelo precedente e pela opinião dominante numa dada situação.

No que me diz respeito pessoalmente, cheguei a um estado em que qualquer satisfação sexual é uma fraqueza, e um ascetismo rigoroso, pelo menos por algum tempo, é uma questão de autopreservação. Tudo o mais é deitar ao chão, de propósito, a minha filosofia, e é fraqueza do pior género; e escrevo isto depois de ter violado constantemente a decisão de me conter, tomada no meu aniversário e mesmo antes, e que acaba de culminar neste esboço de uma linha geral a seguir, tendo em vista dois objectivos: uma vida plena e uma vida sã, vitalidade e vida. Sem vitalidade, a vida é

morte. Faltando-nos meios de satisfação, é preciso manter-se afastado das formas mais baixas, pelo menos até que sejam absolutamente necessárias, e mesmo então só nas ocasiões mais raras.

Tendo em vista estes dois pontos — vida e vitalidade —, tenho qualquer coisa a que me agarrar enquanto luto pela luz, e apresento isto, com toda a seriedade, como uma filosofia aplicável a um homem que ainda não se encontrou e que até aqui tem andado às apalpadelas no escuro, com muito pouca perspectiva de claridade. Partindo deste ponto, os anos hão-de trazer mais luz, e a conservação simultânea do amor à vida e à vitalidade há-de manter o homem em condições de aproveitar qualquer nova luz sobre este terrível problema da existência — o de como atravessar a vida da melhor maneira — pois, em última análise, é isso que toda a filosofia ensina.

Assim, no futuro, a satisfação poderá ser perfeitamente compatível com a minha filosofia; no meu estado enfraquecido de agora tenho de me conter, se quiser sobreviver. Caso contrário, será suicídio deliberado, e a única coisa a fazer seria seguir em frente e satisfazer-me até que a doença e a fraqueza tornassem evidente que a morte seria o único alívio. Assim prossigo, por agora.

O meu destino manifesto, o de fazer qualquer coisa que valha a pena no mundo, de modo que o mundo fique melhor por eu ter vivido nele.

Desde 10 de Maio, o meu aniversário, embora em várias ocasiões tenha descido aos abismos, tenho fortalecido o meu propósito, e as quedas vão-se tornando cada vez menos frequentes, e o nojo

crescente depois de cada uma delas vem cimentar a minha determinação. Só houve uma desde a terça-feira passada, quando tracei o esboço da minha filosofia, e da minha pessoa.

Assim, a luta reduziu-se a isto: se eu conseguir dominar-me quando estou cansado, nervoso e abatido, a vitória está ganha. Em todas as outras ocasiões tenho-me bastante em mão e, nos momentos normais, com saúde razoável, o desfecho raramente me parece duvidoso; mas tenho de vigiar os meus estados anormais.

Havana, Terça-feira, 2 de Julho de 1912, 00:45. Não sei se foi premonição o ter posto "manhã" no cabeçalho da entrada anterior, porque agora, na mesma noite, ou melhor, já de madrugada, vejo-me obrigado a repudiar tudo. Não vale a pena — a minha filosofia, tal como a tracei na semana passada, seria aceitável, não fora por duas coisas: a minha absoluta falta de oportunidade de tocar a vida e a minha absoluta falta de força, física, mental ou moral, para cultivar qualquer espécie de vitalidade. O determinismo é-me imposto contra a vontade. Na medida do possível, nos meus bons momentos, suponho que seguirei a primeira filosofia de terça-feira, 25 de Junho; mas, apesar disso, estou rapidamente a ser empurrado para um determinismo completo, porque simplesmente não consigo dominar-me. O que poderia ter feito, se não tivesse sido forçado a tornar-me vítima do nosso sistema comercial (ao ponto de, aos vinte e dois anos, estar esgotado, com o entusiasmo e a esperança quase mortos pela rotina mortal e sem perspectiva de alívio), não sei; mas creio que, com um treino cuidadoso ou só uma mera oportunidade razoável de exprimir a minha individualidade, teria realizado muito. Esta noite tudo me parece sem saída — ignoro se a loucura se vai insinuando ou não. Só sei que tenho de ter relações sexuais para aliviar a tensão, e é a falta disso que desencadeia estes estados. Se não fosse por mais nada, a mulher é para mim uma necessidade, para aliviar a pressão quando a rotina se torna tão mortal que me tenta a lançar tudo ao vento. Se eu pudesse voltar a casa e ter uma mulher, estou certo de que me pouparia a grande parte disto — pelo menos ao pior —, mas as nossas malditas convenções afastam-me delas e afastam-nas de mim, embora muitas mulheres sofram tormentos de emoção sem alívio por falta daquilo que

eu lhes poderia dar. Ó vida, és de facto um inferno — porquê, ou para quê, não sei, e estou a chegar depressa ao ponto em que isso me importa cada vez menos. Num momento infeliz consenti em ficar aqui mais umas semanas, em troca do pagamento da viagem de regresso a Nova Iorque. Isto significa mais três semanas antes de poder fugir deste maldito lugar, que cada vez mais me ataca os nervos, ao ponto de nunca ter odiado nada como odeio esta ilha e tudo e todos que nela estão.

Havana, Quarta-feira, 3 de Julho de 1912. Pois bem, apesar do meu pequeno desabafo na madrugada de ontem, continuo na luta. Depois de cada derrota ergo-me, fustigado talvez, mas com a sensação crescente de que hei-de vencer. Tenho de confirmar e acrescentar algo à filosofia que tracei em 25 de Junho. Como escrevi ontem, o determinismo parece ser verdadeiro tal como as coisas são no presente, mas aceitá-lo não me torna menos combativo, pois é perfeitamente compatível com essa filosofia que o meu determinismo seja o de vir a ser alguma coisa, e que os períodos de fraqueza só sirvam para me fortalecer.

Quanto à parte da vida, essa ainda é um pouco duvidosa. Não a toquei o bastante; a minha experiência com o outro sexo não tem sido ampla o suficiente para eu deitar por terra todas as convenções, pois sei, pela minha experiência e pela dos outros, que, quando uma mulher joga levianamente, perde tanto que, por vezes, o convencionalismo parece preferível ao afrouxamento dos laços. A minha ideia era idealizar as relações, fazer com que todas as crianças fossem legítimas. Embora creia que, da minha parte, tudo correria bem, duvido dos outros homens e mulheres. Além disso, sempre tive um sentimento inconsciente e, por vezes, consciente, de superioridade em relação às mulheres; mas tem sido tão indefinido que, por agora, não lhe atribuo grande peso.

Tenho de reafirmar a vitalidade como nota dominante. Cada cedência fraca demonstra a impossibilidade, para mim ao menos, daquilo a que chamarei de "filosofia impulsiva", isto é, uma filosofia de se deixar guiar pela emoção e pelo sentimento, excluindo a razão. A razão deve coordenar, se não dominar, e, em todo o caso, o impulso não deve

dominar. Este é o meu segundo esboço, mas deixo de parte o sistema tolo das datas — será o tempo que for necessário para alcançar o quer que seja. Reconheço a tolice de dizer que, em tal dia, deixarei isto ou me emendarei daquilo. Tudo o que posso fazer é procurar viver à altura de um certo padrão logo que o tenha por melhor e abandonar, o mais depressa possível, tudo o que me arrasta para baixo.

Havana, 20 de Julho de 1912. Último dia em Havana. Por fim, está prestes a terminar esta contagem de cada dia como me trazendo mais perto do meu objectivo. Quer o meu regresso . . . produza resultados proporcionais às minhas expectativas ou não, o alívio pela suspensão da agonia da luta aqui em baixo é tão fundo e sentido que poderia gritar de alegria.

Pelo menos tenho atrás de mim várias boas semanas, e cada dia em que faço o mais pequeno progresso, em qualquer sentido que seja, há-de reagir favoravelmente.

Por agora, reitero o esboço de filosofia de 25 de Junho e de 3 de Julho. Tenciono… conter-me enquanto não se fizer um reajustamento. De qualquer modo, durante um ano, não pretendo ter nada que ver com mulheres fáceis — não digo nada quanto ao comércio carnal sem paga em dinheiro, mas é pouco provável que tenha grande ocasião, visto não o ir procurar.

Até estar instalado em —— a regra será o descanso. Com o mínimo de preocupações e a linha de menor resistência durante um mês ou algo mais, deverei estar em muito melhor disposição para realizar seja o que for do que mantendo esta tensão nervosa constante. Esperança e confiança marcam o último dia, e conto este ano como uma folha no meu livro de experiências e, olhando para trás, não me arrependo do meu ano nos trópicos.

—, 1 de Agosto de 1912. …tem uma casa de campo para o Verão.

O mês de Julho foi o melhor desde há muito tempo. Compreendi, afinal, a futilidade de esperar grandes mudanças nos meus hábitos de vida de um dia para o outro e, por isso, dou agora menos importância a datas fixas para isto ou aquilo, como fazia dantes. Basta que, ao fim de um mês, possa olhar para trás e notar uma ligeira melhoria, mais domínio de mim próprio e uma determinação mais firme. É o que verifico agora e, com a perspectiva de um mês de actividade saudável e a ausência de pensamentos nervosos e mórbidos, o mês actual deverá ser um dos melhores do ano e, se uma calma resolução, sem a paixão de outrora, puder ajudar-me, tal me parece certo. A ordem será a nota dominante, na medida em que não interfira com os direitos dos outros, pois aqui não posso ser demasiado egoísta no meu esforço de atingir um certo padrão; além disso, não tenciono tornar-me escravo de um sistema, já que detesto cordialmente a papelada. Mas posso começar a preparar-me para a grande luta, quando regressar a casa no próximo mês, fazendo com que cada dia conte.

—, 12 de Agosto de 1912. Desde o dia 1 tenho passado por uma luta intensa, a pior até agora. Profundamente desapontado com a atitude hostil da família perante as minhas ideias, enojado e cansado, fui-me tornando cada vez mais inquieto, de dia para dia. Discussões acaloradas resultaram em acusações abertas de imoralidade da parte deles — isto é, consideram imorais as minhas opiniões. A noite passada foi o culminar de tudo isto — pela primeira vez, deitei por terra todos os meus planos e ambições e contemplei o suicídio. Muitas vezes a ideia já me atravessara o espírito, mas sempre como uma possibilidade longínqua; ontem, porém, tomou forma.

Travei na cama uma luta mental terrível, e a vontade de viver triunfou. Hei-de continuar a lutar, mas serei cada vez mais egoísta. Reconheço o vasto fosso que me separa do resto da minha família. É intransponível, e a minha última esperança centra-se agora no meu regresso a . . . . A minha mãe é maleável, e talvez consiga dominar suficientemente o meu irmão e a minha irmã para travar ali a luta sem demasiadas interferências, que são o cerne da minha situação actual.

—, Sexta-feira, 23 de Agosto de 1912. Lançando fora, pouco a pouco, esse hábito quase inato que temos de representar para os outros, tenho, por vezes, de agir de modo que há-de parecer imoral, quando está muito longe de o ser na realidade. No esforço — fraco ainda, é certo — de me elevar acima do bem e do mal, o único critério é, por vezes, saber se tal ou tal acto conduz à fraqueza. Se conduz, é contra a natureza; e defino, por isso, que tudo o que não vai contra a natureza não é nem bom nem mau. Deste ponto de vista, as questões morais não entram no caso com a mesma força. Vou pôr por escrito a distinção que faço entre presunção e egoísmo. A presunção vê-se no jovem frívolo de coração e de inteligência, que se veste de forma espalhafatosa e desfila para que as raparigas o admirem. Este exemplo basta-me para o contrastar com... com o desejo de me exprimir, de ser artista, de viver a vida mais plena possível, seja qual for exactamente o meu objectivo, é absolutamente necessário ser diabolicamente independente.

Tenho encontrado a família muito impaciente e em desacordo com as minhas ideias e, rejeitando eu o ideal de homem deles — muito convencional —, tenho, por força, de romper, porque as pequenas picardias que daí nascem só podem dissipar as minhas forças sem nada se conseguir. Uma vez alcançadas concepções mais firmes, poderei avaliar de modo mais conveniente retomar a antiga situação, defendido por uma determinação severa e por uma absoluta sinceridade, tanto quanto possível, crendo, como creio, que a verdade é algo meramente relativo.

O conflito não é só entre a razão e a paixão, mas também entre o naturalismo e, se assim o posso dizer, o antinatural. Quero agir de acordo com a minha

natureza em vez de erguer um ideal contrário a esta e tentar viver à altura desse ideal. O único problema é que tenho diversos estados de espírito e, em cada um, creio sinceramente que esse é o certo. No entanto, eliminando aos poucos hábitos anti-naturais nascidos do meu esforço de conformidade, espero chegar a uma posição inexpugnável, no sentido de estar disposto a perder tudo pela liberdade de viver a minha própria vida, crendo que este aparente egoísmo é o que melhor serve não só a mim, como à minha família e aos outros, porque, ainda que erre em muita coisa, se a minha natureza é errada, é melhor errar sendo eu próprio do que ser aquilo que, honestamente, julgo errado ser só para agradar aos outros.

—, Domingo, 1 de Setembro de 1912. Começando um novo mês, embora cheio de esperança, como sempre no início de qualquer coisa, sinto-me também algo humilde depois do meu egoísmo anterior. Assim vou passando de estado em estado, mas o ponto de viragem está próximo. Não posso continuar muito mais a ser atirado de um lado para o outro como uma casca de noz sem leme nem vela e, com a minha tendência para os extremos, sentindo que tenho em mim muita força para o bem ou para o mal neste mundo, tenho de encetar um rumo com a maior determinação. Tendo querido viver no momento do desespero, tenho de viver com sinceridade e sem conformismo; um pouco mais de tolerância só me fará bem e, sem dúvida, os acontecimentos das últimas semanas têm sido uma dura prova. Tenho, sem dúvida, feito figura de tolo; mas, reconhecendo o meu ideal, sinto-me tão resoluto como sempre, ainda que fustigado.

Devo dizer, ou escrever, com franqueza, que as questões de . . . . estão ainda em aberto, mas tenciono pôr mãos à obra no sentido de uma carreira literária, ao mesmo tempo que, gradualmente, alcanço aquilo por que tenho lutado — não exactamente a paz de espírito, mas a certeza de estar a fazer o melhor que posso, de modo sincero, nas circunstâncias, a saber: que tenho de atravessar a vida com a saúde mais ou menos afectada; que sou inclinado a extremos, pessimista ou muito alegre, até infantil, alternadamente; que a vida me atrai quando penso como terrivelmente inevitável que tenho por vezes tendência para a degenerescência (a qual sinto poder superar até certo ponto por medidas heróicas); que a felicidade de um lar e filhos meus me possa ser negada. Com estas perspectivas diante de mim, o meu sangue combativo ferve e simplesmente

tenho de seguir em frente e para cima ou desintegrar-me por completo — não há meio-termo para mim, e assim o quero. Escrevo agora com absoluta sinceridade.

—, 2 de Outubro de 1912. Mais um mês passou — apesar de ter escrito que já não conto por datas, acho conveniente registar se fiz, ou não, algum progresso neste sentido. Tenho feito. A mesma velha luta entre a paixão e o intelecto continuou, ora com uma calma intelectual e filosófica a animar-me, ora com uma paixão baixa; mas a rede está, sem dúvida, embora devagar (mais depressa agora), a estreitar-se.

Vim para casa, vagueei pela casa, li, sonhei, não fiz nada. Depois, num rompante de energia, comprei uma máquina de escrever, um dicionário não abreviado, papel e mais apetrechos, tirando uns 70 dólares das minhas escassas economias. Mais tarde arrependi-me: para quê toda esta preparação para uma existência convencional e rotineira? Porque não partir, arriscar, tentar ganhar tudo numa só jogada? Para quê lutar sem fim à vista? Mas, lá no fundo, alguma coisa me diz sempre: "Segue, tens isso em ti."

Pois bem, recuperei-me outra vez, tomando Nietzsche por guia — não por ter lido as suas obras, mas por ter lido acerca dele e da sua filosofia do Super-Homem: vontade de viver porque dói, e hei-de tirar um júbilo feroz da vida. É difícil abandonar esses sonhos apaixonados nascidos do romance, mas sei que a felicidade não é para mim; não a felicidade convencional, nem sequer a sexual fora da sua convenção; mas talvez um certo grau de satisfação intelectual e o arrepio que vem da leitura das mentes mestras onde encontro um eco, o arrepio quando me sinto disposto a qualquer sacrifício pelos meus ideais, reafirmados nestes últimos dias pela leitura de várias peças de Ibsen, da obra *Estudos Sobre o Pessimismo*

de Schopenhauer[8] e da releitura parcial do livro de Haldane Macfall sobre Ibsen.

Ao ler hoje Schopenhauer, percebi de súbito que há mais de uma espécie de "Casas de Bonecas", e que uma delas é, de facto, a daqueles que continuam a viver nos seus sonhos, afastados da vida, esperando um dia ter felicidade ou prazer da realização desses sonhos.

Não, por demasiado tempo adiei o enfrentar desta situação. Não devo sonhar mais. Tenho de agir. Não posso falhar; a honra mundana não é sucesso. Se for fiel a mim mesmo, venço, apesar do mundo.

Tenho ainda alguns estudos a fazer — ou melhor, estou só a começar — antes de ter uma filosofia definida, sujeita, é claro, a mudança sempre que uma nova experiência ou uma nova observação a confirme ou rejeite. Schopenhauer, Ibsen, Tolstói, Nietzsche e outros ainda me têm de dar a sua mensagem por inteiro antes que eu possa colher deles o bastante para pôr à prova as minhas próprias observações; mas, em última análise, a minha individualidade, o meu próprio juízo, hão-de ser supremos — não cedo perante ninguém. Schopenhauer tem razão quando diz que não devemos encher-nos do saber alheio antes de termos experiência própria. . . . tem sido um dos meus grandes erros, e a confusão que daí resulta paralisou-me; mas agora leio para aprender, não para adoptar o quer que seja sem primeiro uma crítica severa, e, entretanto, posso começar a trabalhar.

Contanto que me conserve limpo de novos desmandos graves, tenho de avançar; e, se for colhido a qualquer momento, não terei falhado, pois o ideal

[8] *Studies in Pessimism*, 1890. Tanto quando conseguimos desvendar está ainda inédita uma edição portuguesa.

ficará ainda acalentado com aquele terno e apaixonado pesar de que fala Emerson. Uma nova era está a despontar para mim. Apesar dos mal-entendidos, do aparente egoísmo da minha parte, do sacrifício do melhor de mim, a centelha vive. Mais alguns meses de renúncia e terei a mim mesmo em mão e, então, quaisquer que sejam as dificuldades, sempre em frente e para cima.

—, 30 de Dezembro de 1912, 18:30. Escrita apressada antes da partida para Chicago. Os últimos três meses, de desilusão e esperanças destruídas. Futuro incerto, mas a atmosfera desanuviada para o que quer que surja.

Decidindo de repente ontem à noite, Domingo, partir para Chicago — dormi mais ou menos aos arrancos, e tinha o baú feito cedo esta manhã (já preparado para uma partida rápida), bilhetes, etc., ao meio-dia — teatro esta tarde, e quase tudo pronto agora.

Ponto de viragem, na medida em que deixo o futuro ao acaso em vez de um caminho cuidadosamente traçado. . . . para o meu temperamento assentar numa rotina tão monótona como a que parece necessária para singrar como os outros. Além disso, perdi certa firmeza que tivera antes de o princípio deste ano me trazer uma crise aguda de nervos, e é preciso uma acção rápida para me pôr em contacto com a vida. Ir devagar e em segurança não é o meu forte, mas sim ir depressa e aos arrancos, e tenho de aceitar isto, queira ou não.

Chicago, 29 de Janeiro de 1913. Se escrevesse que o último mês foi o pior que jamais passei, provavelmente estaria a repetir-me, pois tenho tido, no último ano e meio, vários "piores" muito maus e frequentes; mas, apesar disso, nunca mais espero sentir-me tão absolutamente desesperado deste lado da eternidade. Cheguei a Chicago a 31 de Dezembro, uma hora antes do novo ano. Fui recebido pelo meu tio e segui com ele para sua casa. Ele é vegetariano, de crús, um propagandista ardente e implacável; a mulher, é uma inválida crónica, fria e sem vida.

Na realidade, não havia lugar para mim, e dormia num quarto sem aquecimento, onde guardavam fruta e legumes. Fazia frio, demasiado frio para me vestir ali sem grande desconforto, mas o tio dizia que o ar me fazia bem e, de qualquer forma, a fruta tinha de ser guardada.

Ora, sou geralmente acessível à razão e à persuasão, mesmo que acabe por agir segundo os meus próprios impulsos e ideias. Mas não consinto que me forcem. Tenho fugido de um refúgio para outro na esperança de ser livre, de poder ser eu mesmo, e a insistência do tio em que eu não fizesse isto e aquilo resultou em discussões, embora sem uma ruptura aberta.

O resultado foi sentir tudo a fugir-me debaixo dos pés e, a 10 de Janeiro, resolvi suicidar-me no meu vigésimo terceiro aniversário, no próximo 10 de Maio.

Naturalmente, isto não foi uma consequência única, nem sequer principal, do conflito com o meu tio. Esse só teve importância por acrescentar a última gota ao meu sentimento de ser . . . . incompreendido e, se não perseguido, pelo menos atormentado para lá de toda a resistência pelos meus parentes.

As minhas razões, em poucas palavras, para decidir o suicídio foram:

(1) Desilusão. O que me tinha sustentado através dos choques mentais e nervosos, noites sem sono, êxtases e desespero de todos estes anos desde os dezasseis (embora começasse antes) era a ideia, que não ousava confessar a mim mesmo, muito menos exprimir aos outros, de que era, se não um génio, pelo menos um homem dotado, com capacidade para fazer grandes coisas. Por vezes atraía-me o sucesso nos negócios; noutras, a ciência ou a filosofia — preeminência mental e intelectual; depois, o esforço artístico, vagamente a ideia de ser autor, dramaturgo ou cabeça de uma de reforma literária e social.

Até ao dia em que deixei Cuba, apesar das reacções e da lamentável fraqueza, mantive a fé em mim próprio, na minha missão. A leitura de Ibsen só veio confirmá-la. Em . . . . ainda a conservava. Perdi-a em . . . . em grande parte. Depois de comprar a máquina de escrever e me sentar a trabalhar, faltou-me a coragem; não consegui fazer nada.

Ler Bernard Shaw mostrou-me que muito do que eu tomara por temperamento artístico, ideais, sentimento, era mera ilusão romântica, e não senti então que me coubesse sacrificar-me pela humanidade sem o prazer estético que as minhas ilusões me davam. Até aí, sem o saber, tinha encoberto os meus próprios desejos e paixões sob o disfarce de fazer qualquer coisa que valesse a pena, de elevação e quejandas.

Curiosamente, toda a minha ambição, ideias, etc., voltaram com uma nova leitura de Shaw em Chicago, depois de eu ter começado a seguir na suposição do suicídio a 10 de Maio. Retomei-as, com a ideia de que

agora estava livre da ilusão romântica e preparado para encarar a realidade.

Antes de voltar a isto, passo às outras razões para o meu suicídio.

(2) As constantes mudanças em busca de um lugar de descanso e, por consequência, o nojo e as desavenças com os parentes, e a sensação de que estava, de facto, só e sem lar.

Ao sair de Cuba, na esperança de sair de ——, jurei que nunca mais deles teriam notícias. Saí de —— com quase a mesma ideia, mas, antes de partir, escrevi uma carta muito breve à Nellie, dizendo-lhe que nada tinha contra ela e que pensava nela como sempre. O tio foi a última gota, embora não pudesse duvidar minimamente do seu desejo sincero de me beneficiar; e, quando compreendi isso, procurei aproveitar os seus conselhos e segui-los em grande parte, mas a mulher dele gelava-me, e, na realidade, não me queria lá. É certo que não estava bem de saúde e o tio disse-me que, se não fosse isso, me teria deixado ficar com eles e arranjado um bom quarto na casa onde tinham um hóspede. A tia aconselhara contra a minha vinda — não queria incómodos.

Tudo isto, porém, só veio agravar a minha sensação de solidão, de falta de lar, e aluguei um quarto pequeno, depois de várias insinuações da tia.

(3) Ligado ao acima, vinha o sentimento mais fundo de não ter lugar no mundo. Forçado a trabalhar até me tornar um farrapo nervoso quando queria brilhar pelo intelecto; alvo de risota das minhas conhecenças — não tinha amigos — por causa das minhas teorias, da minha falta de praticabilidade, do meu temperamento; incapacidade de me dar com as pessoas em sociedade,

devida a uma timidez inata, estranha, que o contacto com gente nos negócios não dissipara, pois aí tinha fama até de ter nervo ou talvez, por vezes, de ter impertinência, embora sem intenção de mal. Era bastante rápido na réplica, e suponho que deixava trespassar um sentimento de superioridade, ao passo que essas ditas conhecenças, pelo menos abertamente, me faziam sentir inferior, insociável, um excêntrico — sempre errado. De que serviam, repetia eu vezes sem conta, o meu brilho, o meu amor do estudo, do estético, a minha vida cuidadosa, se tudo isso se voltava contra mim e era tomado por defeito, por crime?

(4) O receio da aproximação gradual da loucura, trazida pelas causas acima e por uma hereditariedade degenerada do lado paterno. Não tenho prova disto, salvo o facto de meu pai ter sido pequeno, nervoso e vacilante, e estou certo de que só o sangue de minha mãe me tem salvo até aqui.

(5) A ideia de que as minhas concepções, etc., em vez de provirem de qualidades superiores, proviriam dessa tendência ou tara degenerada — em suma, de eu ser um fraco degenerado, condenado a vaguear até que a loucura ou a morte pusessem termo a tudo.

Tudo isto levou à minha resolução de me suicidar, tomada a 10 de Janeiro. A mão dói-me agora, mas tenho muito que escrever sobre os dias seguintes.

Amanhã de manhã parto para São Francisco e hei-de preencher os pormenores até à data, no comboio ou já lá.

Denver, Colorado, 2 de Fevereiro de 1913. Para continuar onde fiquei, a sexta razão, a última mas não a menor, para usar uma expressão gasta, é:

(6) Sexo. Já tratei disto com alguma extensão, pelo que pouco resta por escrever. Usando um termo médico, suponho que o meu mal se possa chamar erotomania.

A minha paixão, não satisfeita salvo com mulheres venais, tem sido uma coisa terrível. Se, na juventude, como outros rapazes, tivesse podido ter um pouco de satisfação, mesmo sem um verdadeiro comércio carnal, talvez me tivesse poupado o sofrimento, mental e físico, causado pelas tentativas desordenadas de alimentar esta fome insaciável.

Não ter nada de agradável a que possa recorrer em matéria afectiva terá contribuído mais do que qualquer outra coisa para o meu desespero quanto ao futuro.

Quando, no desespero, pouco depois de completar vinte anos, tive pela primeira vez relações com uma prostituta, fazia pouca distinção entre mulheres morais e imorais — isto é, havia mulheres por quem sentia atracção natural; outras repugnavam-me, e essa atracção, física ou mental, quase nunca me era possível segui-la mais além, em praticamente todos os casos.

Com uma ou duas excepções, cada prostituta com quem tive relações foi causa de amarga desilusão e de constantes recriminações da minha natureza revoltada. Preocupei-me e remoí muito estas quedas, como invariavelmente lhes chamava depois.

As uma ou duas excepções, contudo, não me deixaram qualquer sentimento de nojo ou desapontamento. Gozei-as plenamente. Eram

mulheres por quem sentia forte atracção, e não as trocaria por muitas mulheres virtuosas, excepto pela experiência de ser o primeiro.

No total, não tive relações com mais de vinte mulheres, e a maior parte delas, por brevíssimo tempo, levado quase sempre por uma paixão violenta sem um objecto digno desta.

Muitas vezes me tenho amaldiçoado por alguma vez ter começado. Mais ou menos pela mesma altura da primeira queda, toquei pela primeira vez em álcool.

Sinto muitas vezes que, se os meus pais me tivessem falado acerca disto, talvez não tivesse dado o primeiro passo em falso e esperado até poder dar às minhas emoções uma saída sã, em termos honrosos.

Tal como as coisas estão, perdi algo que está na raiz do meu estado de desespero, e será preciso um processo longo e lento de reconstrução para me restituir o entusiasmo e a firmeza na vida; mas os acontecimentos de hoje e de ontem dão-me esperança e alento.

Denver, Colorado, 5 de Fevereiro de 1913. Voltando à minha história: depois de, a 10 de Janeiro, decidir suicidar-me a 10 de Maio, os meus tormentos pioraram em vez de melhorar. A vontade de viver revoltou-se contra essa decisão e procurei afogar essa pequena voz interior, conseguindo-o, só para ela tornar a erguer-se depois.

Em Chicago, porém, só uma reacção teve verdadeiro alcance. No meu habitual modo impulsivo e emotivo, depois de ler *A Quintessência do Ibsenismo*, de Shaw[9], os meus velhos sentimentos sobre arte e literatura regressaran com uma força acrescida pela profundidade do pessimismo e do desespero precedentes. Durante uma semana senti-me um génio, andava cheio de sentimentos estéticos, coragem. Exercitava-me duas vezes por dia, vencendo assim a habitual preguiça física, caminhava com um passo elástico, respirando com entusiasmo o ar frio. Em suma, era a mesma história de sempre.

Alimentei o meu sentimento estético na galeria de arte, na biblioteca e no teatro. Assisti a várias representações, no Fine Arts Theatre, dos Irish Players, e apreciei o seu humor simples e honesto.

Pela sexta-feira começou a esvair-se. Como de costume, uma depressão inexplicável começou a cair sobre mim. Sacudi-a, mas não se dava por vencida, e no Sábado à noite, 25 de Janeiro, fui ver *Credores*[10] e

---

[9] *Quintessence of Ibsenism*, ensaio de 1891 onde George Bernard Shaw analisa o teatro do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen para criticar a hipocrisia da sociedade britânica da época. Shaw usou o conceito de Ibsen para defender o teatro de tese, que expunha as verdades existenciais escondidas pelas convenções sociais.

[10] *Credores*, escrito por August Strindberg em 1888, ano em que escreveu também *Menina Júlia* (2009, Bicho do Mato, tradução de Augusto Sobral e Tânia Filipe), centra-se na frágil relação de um casal, ameaçada

A Mais Forte[11], de Strindberg, no Chicago Little Theatre, com um mal reprimido pressentimento de desastre iminente que, no entanto, eu sabia, como dantes, ser talvez passageiro e infundado, mas ainda assim forte o bastante para me dar horas de inferno, inferno e inferno.

As circunstâncias ajustavam-se ao meu estado de espírito e, de certo modo, despertaram a ambição de ver uma obra minha representada e lida; mas a consciência, depois, do trabalho exigido, da absoluta falta de apreço de tais obras de génio por parte do público leitor inglês e americano em geral, e, além disso, a constante repulsa e medo de voltar ao trabalho de escritório e nele consumir anos sem propósito até que a loucura ou a morte pusessem termo a tudo — fizeram ressurgir todos os antigos maus presságios, e desci ao bairro fechado, arranjei uma mulher, mais, duas, e causei-me nojo da vida até ao limite; voltei para casa e praguejei, delirei, e sei lá que mais, até que o esgotamento trouxe um sono aos arrancos, febril, e acordei com dor de cabeça, fraco, arrependido, desafiador, e não sei mais quê.

---

pela chegada de um estranho. Adolfo é um jovem pintor muito devoto à sua mulher, Tekla. Depois de se tornar amigo do professor Gustavo, o tal estranho, Adolfo vê-se enredado numa teia que o faz duvidar do carácter da sua própria mulher. Uma versão traduzida por João Paulo Esteves da Silva esteve em cena no Teatro Trindade em Setembro e Outubro de 2018.

[11] *Dein Starkare*, 1889. A peça compõe-se de uma só cena. As personagens são duas mulheres, das quais só uma fala: um exemplo de monólogo dramático. Esta peça distinta de um acto de Strindberg, representante do naturalismo teatral, encarna um estilo cénico de causa e efeito psicológicos. As revelações sucessivas, momento a momento, reflectem uma luta de poder entre duas figuras em que só uma toma a palavra. O título, *A Mais Forte*, sugere a possível motivação e o desfecho.

Posso, aqui mesmo, indicar mais uma causa suplementar imediata à minha decisão de suicídio, para além das já enumeradas.

Enquanto estive a trabalhar, ainda tinha esperança. Em Havana estava mais fraco, sentia-me mais envenenado física e mentalmente do que antes ou depois, mas a ideia do sucesso artístico sustentava-me. Esperava livrar-me desse fardo intolerável ao concluir o trabalho ali e seguir em frente, tornando-me escritor.

Foi isto que me susteve em tudo, quando trabalhava a puros nervos e cada dia era uma agonia. Em —— continuava a acalentar a ilusão — eu era um génio, um super-homem, e havia de mostrar-lhes.

Quando me instalei em —— e comprei a máquina de escrever, comecei a passar à máquina as notas taquigrafadas tomadas em Havana, descrevendo os meus estados de espírito, paixões e diversas condições mentais, tendo em vista escrever um livro, *O Jovem Prematuramente Cansado* . . . . lutas e estados mentais.

Ao pôr mãos à obra, porém, o pensamento de que, se era para fazer alguma coisa, teria de ser enquanto durasse o dinheiro que economizara à custa de poupanças, privações, sacrifício da vida social, do divertimento, de quase tudo — dinheiro esse que não duraria muito —, e depois o velho suplício de um trabalho infernal e estranho ao meu ser — esse pensamento tirou-me tudo.

O chão abriu-se, e desde então, Setembro e Outubro passados, tenho vindo a perder, de forma contínua, toda a confiança e esperança em mim próprio e a minha firmeza na vida. A ideia de voltar ao trabalho . . . . o estado mental que tal produzira perseguia-me sem descanso.

Não me atrevia a encarar a situação. Discuti em casa, com razão, contudo, fugi para a casa de Arthur em ——. A ideia louca que concebêramos em . . . . de desaparecer, partir em segredo e de súbito, voltou. Para onde quer que me virasse, não parecia haver refúgio da minha própria mente doente. Entraram-me na cabeça planos anárquicos delirantes. Agora compreendia porque é que alguns homens matam, enlouquecem. Antes, eu conhecera a paixão, boa e má, honesta e desonesta, limpa e sã, e suja e insana, o frenesi poético, o ardor emocional; e agora surgiam-me novos domínios de desvario.

Amaldiçoei-me, aos meus pais, ao Céu e à Terra; depois, a reacção a tal trouxe-me mágoa e tentativas espasmódicas de reparação.

Destruí os meus livros e objectos de grata lembrança, no dia seguinte arrependi-me e procurei reparar o mal que tinha feito. Isto começou em Havana, continuou em —— e agravou-se em ——.

Depois, num impulso súbito, resolvi afastar-me de tudo, usando o pretexto de ir para a Califórnia com a tia e depois para Chicago, o que, de facto, tencionava fazer.

Em Chicago, a princípio, senti vontade de recomeçar, mas, depois de aceitar um emprego, tive o pressentimento de que não o havia de aguentar, e amaldiçoei o sistema social e a classe empregadora por não me oferecerem um ordenado que fosse suficiente para viver, em troca apenas do trabalho que pudesse suportar, com algum lazer para escrever, estudar, etc.

A morte pareceu-me preferível a trabalhar e, aterrorizado com a ideia de voltar ao que o trabalho representara em Havana e, antes disso, em Nova

Iorque, tomei a decisão do suicídio. As razões enumeradas voltavam-me todas noite após noite, enquanto jazia acordado, e eu chamava pela morte . . . foi esse pavor do trabalho que, por fim, me tirou o chão debaixo dos pés. Sentia, no íntimo, que, com um rendimento semanal de 20 a 25 dólares, persistiria e combateria as minhas enfermidades mentais, encontrando consolo na leitura, no estudo — sobretudo da filosofia — e na escrita. A minha ideia não seria escrever a pensar em ganhar dinheiro, mas em fazer literatura.

Arrefecia logo que pensava no sórdido comercialismo da actual produção literária americana. As minhas ideias e ideais, delírios, ilusões, como lhes queiram chamar, eram demasiado fortes para encarar os factos.

Tinha ideias tresloucadas de expor o meu caso a algum rico filantropo, ou pelo menos a alguma instituição por ele dotada, para ver se, por piedade, simpatia ou outro motivo qualquer, se deixariam mover a conceder-me um rendimento de 20 a 25 dólares semanais, sem me exigirem resultados definidos.

Pensei em ir ter com sociólogos, especialistas em loucura, esses sobre quem tanto se lê nos jornais, sempre a falar de reforma, eugenia, serviço social; mas a consciência de que essas brilhantes generalidades nada significavam para um pobre indivíduo fraco e degenerado como eu dissuadiu-me.

Duas outras razões me detiveram: a primeira, o respeito-próprio; pois, apesar das fraquezas e quedas, conservava ainda um orgulho desmedido, repelia a piedade, a simpatia, e sentia quão humilhante seria

depender assim de alguém, mesmo que fosse possível uma ideia assim tão louca.

Ideia louca, mesmo. Lembro-me das cartas que escrevi, nos tempos altos da minha ambição e entusiasmo, a Carnegie, Patten, E. H. R. Green e vários outros, pedindo para ser ouvido por alguma comissão que promovesse a educação — e do silêncio que se seguiu.

Muitas vezes reflecti, amargamente: de que serve toda essa caridade, todo esse trabalho social? É tudo generalizado — onde entra o meu caso pessoal, quem me dá um pouco de consideração humana, uma mão estendida, encorajamento, convivência, amor?

Os reformadores, mulheres reformadoras e assistentes sociais empregam os seus esforços em fechar bairros, dispersar prostitutas, dificultar o jogo e, em geral, tirar aqueles como eu os meios de esquecer, de quando em quando, as nossas misérias; mas não se ergue uma mão para me salvar da loucura nem da morte pela minha própria mão.

Além deste sentimento de que a morte é preferível à humilhação e ao arrepio dos choques à minha natureza sensível que resultariam de tornar público este relato, havia ainda a ideia de que, em vez da liberdade do jugo da pobreza, o resultado de tamanho apelo seria o enclausuramento.

Tenho horror a isso quase tanto como a voltar ao trabalho, porque a sacralidade, o ciúme e o receio que tenho pela minha pessoa, pela minha individualidade, são tais que, se julgasse que o resultado de um apelo por ajuda seria a reclusão, acolheria a morte como um dom do Céu.

Sou agnóstico e, pelo menos filosoficamente, anarquista. Quero ser livre, glorificar-me na liberdade; não ter patrão, poder desenvolver o intelecto. Para isso, estou disposto a pagar o preço de me manter dentro da lei, de me abster de me entregar sexualmente além do que pareça absolutamente necessário; mas não posso encarar a perspectiva de me darem de comer e um lugar para repousar, e, de resto, me deixarem desenvolver à minha maneira, sem me concederem liberdade de acção e de residência.

Não estou louco agora, mas qualquer tentativa de coacção ou reclusão tornar-me-ia violentamente louco. Havia de bater às portas da cela, amaldiçoar tudo e morrer em delírio, e é o medo da reclusão que me impede de me submeter àqueles que, se quisessem, provavelmente me poderiam salvar.

Antes de chegar o dia em que eu veja gasto o meu último dólar, poderei, no desespero, arriscar fazer isso, na esperança de me deixarem viver à minha maneira em vez de me suicidar, mas não sei.

Denver, Colorado, 6 de Fevereiro de 1913. Depois daquela queda em Chicago, depois de Strindberg, no Sábado, 25 de Janeiro, a esperança abandonou-me até ao dia 30. Nesse dia, ao partir para Frisco, uma daquelas antigas resoluções sombrias de fazer mais uma grande tentativa apoderou-se de mim, mas, como de costume, sem resultado.

Ao meio-dia de 31, mudei de comboio em La Junta para uma digressão por Denver. No caminho para Denver conheci o homem que me pôs de novo em espírito de luta por alguns dias. A conversa começou quando ele pediu licença para se sentar ao meu lado — pedido desnecessário, mas cortês. Perguntou, de passagem, se eu tencionava ficar em Denver. Respondi que não, que vinha só de visita. Pedi-lhe indicação de um hotel. Falou-me do ——, do irmão.

Continuámos à conversa, e ele pintou o Colorado em cores vibrantes — disse que deixara Nova Iorque havia vinte e dois anos e, salvo um ano no Texas, vivera sempre em Denver desde então. Para ele não havia lugar que se lhe igualasse. Disse que os negócios estavam fracos, mas que eu, sem dúvida, arranjaria qualquer coisa em pouco tempo. Convidou-me a ir a sua casa no Domingo.

Chegámos na noite de sexta-feira, 31, e ele apontou-me o hotel, do caminho-de-ferro, e apressou-se. No Sábado fiz um passeio turístico pela cidade e no Domingo uma excursão às colinas. O ar era excelente, como ele dissera com entusiasmo, e o aspecto luminoso das coisas, apesar do nevão de Sábado, recomendava a cidade como sã, clara, bela, tal como a descrevera.

Fui a sua casa no Domingo e verifiquei que tinha uma linda casa, uma mulher simpática e dois belos filhos. A pequena, de três anos, afeiçoou-se logo a mim, o que os surpreendeu, mas não a mim, pois as crianças apegam-se-me. O rapaz, de treze anos, também era muito comunicativo, vivo e afável e, depois do jantar, nós três, adultos, tivemos uma conversa agradável sobre vários assuntos. Saí com a sensação deliciosa de ter entrevisto um bom lar, que fez voltar todos os meus antigos pensamentos de um lar meu, com uma esposa encantadora e filhos aos meus joelhos — sonhos que, nos maus períodos, rejeitara como não havendo esperança para mim, roubando-me assim um grande estímulo para o trabalho e a ambição.

Impulsivamente, no dia seguinte entreguei o bilhete para reembolso, disposto, no meu entusiasmo, a perder uns 11 dólares de bagagem, que seguira para Frisco, para não falar dos mais de 7 dólares de transporte, incluindo a caixa, para a devolver a Denver. Assim, espero salvar 10 dos 49,75 dólares do bilhete de Chicago, sendo a tarifa turística para Denver de 22,60. Dou estes números para mostrar quão grande foi o meu êxtase na manhã de segunda-feira, 3 de Fevereiro — talvez a última vez em que me senti tão optimista e tão apaixonado por tudo —, grande ao ponto de me levar, sem trabalho e com menos de 100 dólares na algibeira, a deitar fora 18 dólares sem qualquer cuidado e sem remorsos — eu, que andara sempre a poupar e a esgravatar desde que começara a trabalhar, ainda que só para depois perder tudo irreflectidamente ao sabor dos impulsos.

Em seguida fui à procura de trabalho com o mesmo espírito; fui à Câmara de Comércio, remeteram-me

para duas agências de emprego de confiança, fui às casas de máquinas de escrever e visitei um possível patrão. Na terça-feira visitei três e poderia provavelmente ter assegurado um lugar, mas o velho bicho-papão, a reacção, começara a instalar-se, e às 5 horas da terça-feira, depois de me deitar um pouco no quarto do hotel, levantei-me, vesti-me à pressa, corri ao escritório da companhia de caminhos-de-ferro e pedi para susterem a bagagem. O bilhete já fora entregue para reembolso, e o agente de cargas prometeu telegrafar imediatamente para reter a bagagem se ainda não tivesse seguido. Ontem soube que já fora enviada, e agora aguardo o resultado disso e do bilhete.

Quando recebesse esses valores, pensei seguir para Frisco e acabar com tudo lá. Na noite passada escrevi uma carta desesperada para casa, oferecendo-me para voltar se me enviassem 50 dólares, mas não a meti no correio, e esta manhã rasguei-a, escrevendo apenas a dizer que ficaria aqui até ao fim deste mês, caso a família tivesse alguma proposta a fazer-me ou dinheiro a enviar.

Se me pedirem que volte e mandarem algum dinheiro, provavelmente volto. Caso contrário, provavelmente irei para Frisco com uma ou duas semanas de despesas no bolso, depois de pagar a passagem, e terminarei esta história. Digo "provavelmente" em ambas as hipóteses porque agora reconheço a minha desesperada falta de força de vontade, sendo praticamente toda a minha vida mero impulso com um ilusório fio de propósito a atravessá-la.

—, 6 de Fevereiro de 1913, 22:37. Esta manhã, rejeitei a esperança. Esta noite sinto que, por baixo de toda a minha degenerescência e fraqueza, sou um génio e sinto que não posso morrer sem deixar qualquer coisa. Não, vou lutar. É mais difícil por eu ser dado a ceder, mas não posso desistir sem combate. Em algum lugar e em algum momento tenho de provar que sou algo mais do que um fraco. O bem e o mal predominam alternadamente, o amor e o ódio, a fraqueza e a força. A reconciliação é a solução. Acabo de ler um artigo no número de Novembro de 1911 da *The International* — "J. William Lloyd, Filósofo do Paradoxo" — e tal dá-me nova uma fé em mim mesmo.

Denver, Colorado, 8 de Fevereiro de 1913. Ontem foi um bom dia. Fui para a cama no mesmo estado em que escrevi o que antecede e até senti que tinha feito uma descoberta, ou melhor, descoberto ou reconhecido uma velha verdade na sua aplicação ao meu caso, a saber, a moderação.

Em vez de ir ao extremo num sentido, como tenho feito, disse comigo: vai tão longe quanto as circunstâncias permitam, mas pára antes de o prazer acabar.

Aplicado ao intelecto, isto quer dizer: estuda filosofia, mas não a extenues; sonha com os poetas, mas não em demasia. Neste plano, Strindberg, Shaw, Ibsen e outros têm todos o seu lugar.

Mulheres, bem, o mesmo aqui — parar antes do enfado, e a reserva mental de procurar conter-me cada vez mais, mas sem o tomar demasiado a peito se não o conseguir. É uma fraqueza natural, e é boa se não for em excesso. Poderei consegui-lo? Eis a questão. Se conseguir vencer aquela terrível reacção que vem várias vezes por semana, e por vezes noite após noite, julgo que poderei suportar a vida, ou o inferno, como lhe começo a chamar.

Invertendo a visão convencional, poderia dizer "A vida é o inferno, e nada temos a esperar que seja pior; portanto, se houver uma vida no além, só poderá ser melhor." Se isto é lógico ou não, não sei, mas agrada-me, ainda que não seja inteiramente original.

Tenho lido Strindberg na Biblioteca de Denver estes últimos dias. Li *Menina Júlia*[12], *Um Sonho*[13], "O Elo[14]" e *A Dança da Morte*[15].

Apreciei-as, o que é natural, pois compreendo e gozo sempre profundamente a obra do génio, sobretudo do chamado génio degenerado.

Algures na noite passada deixei cair a esperança, somente para a apanhar de novo, pois há-de ser mulher — tanto que me atormenta.

[12] Bicho do Mato, 2009.
[13] Edições Húmus, 2024.
[14] *Bandet, 1893.* Tradução em inglês: *The Bond and the Link*. Inédito em português.
[15] Companhia das Ilhas, 2022.

Denver, Colorado, segunda-feira, 10 de Fevereiro de 1913. Ontem, com o avançar do dia, a escuridão tomou conta de mim, crescendo até à noite, mas esta manhã cerrei os punhos e os dentes, e vou seguir em frente. Três meses certos para o meu aniversário, reparo eu, que ando sempre à procura de datas auspiciosas para um novo começo. O ponto principal está claro: tenho de crucificar os meus apetites sexuais hereditários pervertidos. Continência absoluta, salvo em condições favoráveis. Como tais condições são pouco prováveis, não as indo eu procurar — isto é, que uma mulher se entregue por puro amor ou paixão —, e sendo a única outra alternativa o casamento, tenho pela frente uma grande luta; mas, como a questão é viver com decoro ou a morte, com ou sem decoro, sinto que acabarei por tomar esta posição, depois da qual a luta será mais fácil, ainda que sem perspectiva de felicidade, pois, afinal, não devo esperar qualquer felicidade; tenho de aprender a viver sem ela, a fazer com que a minha vida se represente na minha obra, e talvez, por fim, alcance um grau de paz e descanso, se não de felicidade. Sim, crucificar o demónio.

Nova Iorque, Domingo, 23 de Fevereiro de 1913. Cheguei aqui na terça-feira à noite, dia 18. Na quinta, forte ataque de gripe. A miséria, como é natural, trouxe um pessimismo extremo, mas . . . . embora miserável fisicamente, o meu estado mental é de esperança.

Hei-de tentar ficar em Nova Iorque. Depende de recuperar depressa e arranjar trabalho depressa, pois restam-me apenas 24 dólares em dinheiro dos 400 que poupei em Havana, com mais 10 do reembolso do caminho-de-ferro a chegar um dia destes. Se a saúde e o trabalho se compuserem, é apenas uma questão de conseguir manter-me.

Se não, orgulho humilhado, de volta a . . . . . A propósito, não estou tão certo de não ter feito figura ainda maior de tolo do que aqueles a quem me habituei a meter nesse lote.

Tenho estado com o velho amigo ——,pela primeira vez em cinco anos, salvo um breve dia. Mudou bastante. Agora é todo pela experiência e pela praticabilidade — as teorias um mero acessório — e, naturalmente, para ambos, para viver, tem de ser assim.

Nova Iorque, 28 de Fevereiro de 1913. Amanhã parto para ——, a minha última viagem. À vista de um novo mês sinto-me indiferente. Há vários dias que o desespero se apoderou de mim, e decidi, em boa verdade, pôr termo a tudo como planeado.

Contudo, como o dinheiro se esgotou, tenho de trabalhar se quero viver sequer até 10 de Maio e, claro está, se volto a trabalhar, por mais breve que seja o tempo em perspectiva, não posso dizer quanto tempo o aguentarei, por isso já nada digo.

Não faço grandes resoluções para o começo do mês, salvo a habitual, quanto ao sexo, tendo caído de novo. Mesmo que tenha de morrer por fraqueza física, gostaria de algum…

—, Domingo, 23 de Março de 1913. Não tencionava escrever hoje no diário, mas só no fim do mês. Esta noite, sozinho em casa, tudo silencioso, o fogo a cantar baixinho, até o gato a dormir. Lia na cozinha as *Grandes Esperanças*[16] de Dickens. Ouvi um ruído e encontrei o meu irmão Percy adormecido no sofá da sala ao lado. Invadiu-me uma sensação de paz ao pousar o livro que me impeliu a escrever no diário, pois os momentos de paz têm sido tão raros ultimamente que este fazia um contraste notável com os meus desvarios e emoções desesperadamente contidas.

Porque estou a trabalhar de novo. Cheguei aqui na noite de Sábado, 1 de Março, e na terça-feira 4 comecei a trabalhar com ——, ao belo salário de 55 dólares por mês, com perspectivas. Ofereceram 50; sugeri que fosse —— e ficámos pelos 55. Têm aparecido vagas na minha área com salários mais altos, mas aceitei a primeira coisa que apareceu e não mudarei, visto que, para negócios, parece bom, salvo se as perspectivas não se confirmarem.

Embora me custasse admiti-lo, precisava mais do que tudo de voltar ao trabalho para me salvar. Tive a minha oportunidade, ou melhor, poupei 400 dólares com sacrifícios em Havana, e depois sentei-me sem fazer nada até metade se ir, desperdiçando o resto numa perseguição louca ao meu destino.

Entrei, no entanto, no trabalho com um espírito de resignação esperançada. Sendo inevitável, e reconhecendo-o pela primeira vez na minha vida de trabalho, não direi que lhe dedico uma maior

[16] E-Primatur, 2016.

consciência, mas contenho-me quando uma vaga da antiga insatisfação me atravessa e trabalho, trabalho.

De noite durmo, mas, a espaços, durante o dia e a noite, e de manhã, custa-me muito não explodir em protesto contra tudo isto, e, apesar disso, continuo.

Tive vários acessos de fraqueza apaixonada durante o mês, fiz figura de parvo algumas vezes descarregando o meu mau feitio sobre quem me rodeia, mas, em geral, domino-me melhor e tenho mais consciência de ter comando de mim próprio.

Quanto às minhas ideias e ambição, continuam vivas. A vontade de viver é, como força de vida contra a morte, mais forte do que qualquer miséria. Partindo só desta premissa, tenho, por necessidade, de ter um horizonte mais largo do que o estreito aperto de uma função de escritório.

Trabalho porque tenho de trabalhar e sob protesto, mas procuro fazer o melhor possível e trabalho com honestidade e ganho o meu ordenado, e mais, tanto quanto posso nestas circunstâncias.

Estou agora a instalar-me e a juntar os meus livros. Estou a voltar-me para o drama e guardo ainda um fraco pela filosofia embora esteja ainda no começo da *Crítica*[17] de Kant. Li hoje um pouco.

Sinto ainda o apelo de uma missão mais vasta, mas sinto-me mais inclinado a empenhar-me nesta de modo prático, à maneira dos negócios, porque reconheço que tem de ser assim. Admito-o. A experiência teve de me

[17] O autor no original não esclarece se se refere à *Crítica da Razão Prática*, à *Crítica da Razão Pura* ou à *Crítica do Juízo*, editadas em Portugal pelas Edições 70.

enfiar os factos pela garganta abaixo antes que eu consentisse em fitá-los com a ajuda de Bernard Shaw.

Sinto-me mais sincero agora. Notava em mim uma certa tendência para o teatral, e vou reprimi-la com firmeza. Por vezes ajo com dureza depois de uma luta interior, e seguro-me invocando Nietzsche e a filosofia do super-homem — e então, ai de quem se me atravesse.

Sem procurar forçar as coisas, e evitando a piedade de mim próprio, não posso, no fundo, deixar de sentir a tragédia que a vida é para mim. É um esforço tão grande viver, há tão pouco a que possa voltar-me: sem juventude, sem namorada, sem amor, salvo o das crianças e o amor enganado de uma mãe fraca. A breve paz desta noite sobressai; mal tomei consciência dela disse comigo que devo cultivar esse estado de espírito para fazer o melhor dos esforços e chegar mais depressa à verdade.

—, Domingo, 1 de Junho de 1913. Esta manhã, começo de semana e de mês, e primeiro verdadeiro Domingo de Primavera do ano, recomeço, mais uma vez, um processo de reabilitação. Há três anos que luto contra as minhas paixões sexuais. Antes de 21 de Maio de 1910, como noto nessa data no diário, era absolutamente casto, como já disse. Vamos com três anos da mais feroz acção e reacção. De desespero até ao limiar do suicídio, de exaltação até tais alturas de êxtase que quase se abriam as portas do Céu. E, pelo meio, indiferença ou mero enfado baço, labuta quotidiana monótona e sem esperança, noites inquietas e cansadas.

Vivi além da data marcada para o meu suicídio, 10 de Maio deste ano. Todos os meses resolvi recomeçar, praticamente todos os meses destes três anos. No início dos anos de 1911, 1912 e 1913; nos aniversários de 10 de Maio de 1911, 1912 e 1913; no ano bissexto, 29 de Fevereiro de 1912; e, depois de cada desespero, recomecei com a decisão de não só vencer essa fraqueza, mas de me conter o suficiente na palavra e no acto. . . . seguir em frente e realizar qualquer coisa.

O resultado foi sempre o fracasso. Pergunto-me porquê, e as respostas são muitas e várias, conforme a última desilusão.

Em grande parte deve-se ao vazio da minha vida, à falta de afecto e de uma ambição definida, e a eu não ter sido mais afirmativo em vez de tentar ser apenas negativamente correcto ou ter autodomínio (pois não gosto da palavra virtuoso), somado ao nervosismo, às paixões fortes e à sensibilidade emotiva, sem escoadouro próprio quando tudo isto se acumulava ao ponto de ameaçar transbordar.

Hoje começo em terreno novo: o de ser afirmativo e rigidamente senhor de mim até sentir que posso afrouxar sem qualquer perigo. Já tentei afrouxar depois de uma semana, duas semanas, mas a uma cedência em palavra ou gesto seguiam-se outras, até se fechar o círculo numa capitulação cega e irracional ao impulso sexual, em condições de caos mental e exaustão física, e então vinham novas resoluções e uma nova reacção.

Seria ousado dizer que agora é diferente, mas de modo tão repetido e em tal sequência de choques me foi imposta a lição que, em puro desespero, pus simplesmente o suicídio de um lado e o refreamento do outro e, reconhecendo que é impossível continuar como tenho andado, decidi, com toda a força, paixão, amor, honra — ou o que reste de mim —, com ambição, entusiasmo e o demais, uma vez por todas e por um ano ao menos, ser absolutamente asceta como primeiro passo. Refrear-me em tudo é, como é natural, o passo seguinte, e nisso hei-de conseguir triunfar razoavelmente.

As grandes questões do sexo deixo-as em aberto. Primeiro tenho de alcançar uma visão impessoal, fora do conflito.

A filosofia deixo-a também em suspenso, adoptando provisoriamente a fórmula simples do super-homem: a vontade de viver porque a vida é dolorosa e a vontade de ter vitalidade, procurando afastar tudo o que leva à fraqueza.

Sexta-feira, 13 de Junho de 1913. Escrevo hoje apenas por calhar ser sexta-feira 13 — 13 sobretudo porque não tenho senão desprezo pela superstição idiota. Mantive até agora, sem dificuldade, a resolução quanto ao sexo, mas, fora isso, não estou satisfeito com o domínio que alcancei sobre mim, isto é, na palavra e no feitio, mas o tempo o dirá. Hei-de cumprir o ano inteiro nesse ponto, em qualquer caso, e continuo a lutar por um controlo geral e por um plano firme de trabalho para me tornar um dramaturgo bem-sucedido.

Sábado, 26 de Julho de 1913. Quase dois meses passados desde 1 de Junho, e falhei tanto em manter as boas resoluções como em cumprir o suicídio após várias falhas. Tudo isto, incluindo estes escritos, me parece uma tolice geral, mas tenho de continuar por algum tempo neste tom.

Só me resta tentar de novo. Doí-me tanto mais a consciência da completa falta de saída pelo caminho mais fácil. O autocontrolo, e a ideia, quando olho para a frente, de renunciar a certas coisas, é mais duro, mas o outro é impossível. Hesito agora em afirmar com tanta confiança a minha capacidade de ser tanto super-homem como génio, mas ainda posso debater-me durante mais algum tempo, pelo menos. O fim ainda não chegou. Não sei qual será. As profundidades foram fundas e as alturas podiam ter sido mais altas, mas há um possível e razoável percurso intermédio e vou tentar fazer o melhor.

Aos vinte e três anos tenho de voltar à autoconsciência da juventude antes de poder deitá-la fora e encarar a vida como ela é. Muitas vezes dou-me conta da aparente presunção e tolice deste diário, mas ao menos procuro ser sincero às vezes, e, depois dos choques da descoberta da vida, poderei escrever como homem. As coisas não podem continuar como têm corrido. As circunstâncias hão-de forçar-me a afundar ou a nadar, a erguer-me deste atoleiro e fraqueza ou a soçobrar por completo, e esse conhecimento há-de ajudar-me. Posso ficar calado muito tempo agora, porque estou prestes a deitar fora a minha juventude romântica e a ser homem, e a ruptura há-de parecer mais brusca do que é. Até aqui este diário não mostra o enorme progresso que fiz em direcção a uma virilidade desiludida. Na realidade, são passos tão

grandes que, por vezes, tenho transposto o abismo e dito: “tudo é ilusão.” Senti a extrema pequenez desta luta e vi as coisas de uma perspectiva impessoal e até transcendente. A dificuldade está em, depois de dar o salto, voltar ao ponto de onde saltei e retomar a luta diária. É difícil, depois de ver que, no fim, se há-de dizer: “tudo é ilusão, seja o sucesso mundano — o dinheiro e a honra —, seja o sucesso artístico e a satisfação pessoal pela obra bem feita.” Contudo, tenho de voltar, para poder viver sequer; e, se algum dia achar que é demais e, após repetidas tentativas, o der por irremediável, será então necessário saltar de uma vez por todas da juventude para a morte, deixando de fora o que há entre ambos.

Nova Iorque, 27 de Setembro de 1913. Apresentando-se de novo o suicídio como única saída, fui levado a reler os meus diários. Em resultado disso, o meu sentido de humor levou-me a destruir o primeiro, de 1905, quando eu tinha quinze anos. Cheio de lutas e episódios infantis, pelo menos até aos dezoito, não podia deixá-lo sobreviver à minha morte. Depois dos dezoito anos, em Nova Iorque, comecei a encarar a realidade, mas nem sequer essa parte do registo podia consentir que ficasse.

É certo que, desde os quinze anos, tenho andado mal, mas até há alguns anos parecia inevitável que surgisse uma solução. Nesses tempos, o suicídio nunca me passara pela cabeça.

O sexo, porém, começou a preocupar-me desde os catorze ou quinze anos. Mentalmente apenas, até aos vinte; mas pensar sem agir não me fortaleceu.

Sendo isto uma espécie de último testamento, não devo perder tempo com esses dias. Mal sei como começar e o que dizer, mas impõe-se dizer algo.

Nem agora poderia escrever a maior parte disto, porque entretanto compreendi que tudo isto é de todo alheio ao espírito dominante entre os anglo-saxões, assim chamados pelo menos, e eu próprio estou suficientemente contaminado desse espírito para o encarar com cinismo.

Se estes escritos vierem a ser publicados, quase posso ver os jornalistas cínicos e estupidamente facciosos a escrever sobre fracos e degenerados, na linha do editorial idiota do *New York Times* há pouco tempo sobre o suicídio, e de outro no *World* por ocasião do suicídio de uma rapariga cansada de jantares de 20 cêntimos; para não falar desses idiotas arcaicos e

hipócritas, os lacaios do Hearst, com os seus discursos sobre os ricos ociosos e como é uma bela coisa a maior parte de nós ter de trabalhar por uma ninharia.

Naturalmente, não me comparo ao homem comum. Se não tivesse sentido de humor, teria persistido e feito de mim um génio apesar do inferno em que a vida se tornou. Nietzsche nunca poderia ter existido se tivesse nascido em Inglaterra ou na América.

Só me sinto em casa quando leio homens de génio. Sempre sem um amigo, o homem vulgar é-me estranho. As mulheres mataram-me, porque, com todo o meu temperamento e paixão, fui demasiado tímido para alguma vez ter amor ou escoadouro para a minha paixão.

É difícil dizer que, se as coisas tivessem sido diferentes, isto ou aquilo teria acontecido. Por vezes pensei, com toda a sinceridade, que se tivesse tido dinheiro bastante para prescindir da lida quotidiana — que, com a necessidade de forte excitação como reacção, tanto enfraqueceu a minha vontade, ao ponto de me fazer descer do supremo egoísmo de imaginar e crer-me um génio até a uma miserável morte solitária, longe de casa, pela minha própria mão.

Outras vezes disse comigo que, se me examinasse honestamente, veria que, com dinheiro, teria simplesmente degenerado num ocioso vicioso e inútil da classe tépida.

Agora, prestes a morrer, serei honesto e direi que tal seria provavelmente o desfecho, mas está longe de ser certo. Afinal, no passado fiquei indignado e enojado depois de cada queda abaixo de um certo padrão, e o meu amor pelos livros não morre enquanto eu viver. Quem sabe se não teria acabado por me entregar ao

estudo e ao trabalho e feito alguma coisa? Sem dúvida teria tido histórias com mulheres (se o tempo e o dinheiro o tivessem permitido), em quaisquer circunstâncias; mas a bebida e a droga nunca me atraíram, nem sequer em imaginação.

Tenho sido honesto e sincero, levado ao extremo nas questões de honra, pelo menos até começar a perder a firmeza na vida. Nunca me sentei a encarar as coisas de frente porque era incuravelmente romântico e, quando finalmente comecei a perceber a vida, ela caiu-me em tal série de choques que a independência provavelmente me teria feito um Baudelaire, mas sem obra criadora que equilibrasse a balança. Com uma mãe tão irrealista e infantil e um pai falhado, irmãos e irmãs incompatíveis, quase a odiarem-se, má hereditariedade de ambos os lados e um ambiente infernal, uma disposição tímida, nervosa, desconfiada, extremos de êxtase e desespero, paixões sem escoadouro, sozinho e sem amigos — como poderia eu acabar de outro modo que não o suicídio?

Sustento que qualquer homem que se mata sofre, por força, mais do que qualquer um que continua a viver. Não quero morrer. Não consigo fazer com que alguém de fora compreenda, por mais que escreva, o quanto tenho tentado evitar este passo. Experimentei todos os subterfúgios para me enganar, para me ir adocicando a ideia de que a vida, afinal, não era assim tão má. Este registo não mostra o meu lado humorístico, mas rio tanto quanto me apetece chorar. Gosto tanto de uma comédia como de uma tragédia; divertem-me as mesmas coisas que divertem o americano comum; num jogo de basebol chego a sentir-me como um dos rapazes; mas o que me

distingue é o lado trágico e mórbido, e a minha aguda sensibilidade.

Coisas que passam ao lado da maioria dos homens ferem-me com uma força terrível. O meu orgulho tem-se posto no caminho de qualquer esperança de sucesso nas condições que existem neste país, hoje. Não posso fingir indefinidamente, ao procurar trabalho, que sou como os outros. Não posso ocultar sempre o ressentimento e o desdém que sinto ao entrevistar homens de negócios e ficar de pé ou sentado diante deles como um simples dactilógrafo. Eu, espírito afim dos homens de génio, tenho de mostrar as minhas referências, andar a bater à porta, a pedir, a implorar, por um ordenado miserável que desprezo, regatear por mais uns dólares, o preço de uma refeição.

A indignidade de tudo isto. Eu, aristocrata no íntimo, da aristocracia do cérebro e do sentimento, tenho de roçar-me com a burguesia ignorante e vulgar, que, ainda que quisesse, não poderia compreender um instante que fosse.

De que serve? Só a morte oferece alívio. Não posso recordar um único dia verdadeiramente feliz. Houve ocasiões em que andei despreocupado e alegre, mas raramente houve um dia sem pensamentos mórbidos a certa altura, quase sempre à noite. Se tivesse podido ter uma amante, as coisas talvez fossem diferentes. Quando saía e tinha relações com uma mulher que agradasse à minha imaginação, dormia bem — de outro modo quase nunca dormia bem.

O sexo tem sido a minha Némesis e, hoje, se tivesse dinheiro, continuaria a viver. Sem ele, todo o passado sombrio e o futuro previsível são demais para mim.

Com ele poderia dispensar a lida e fazer o trabalho do meu coração.

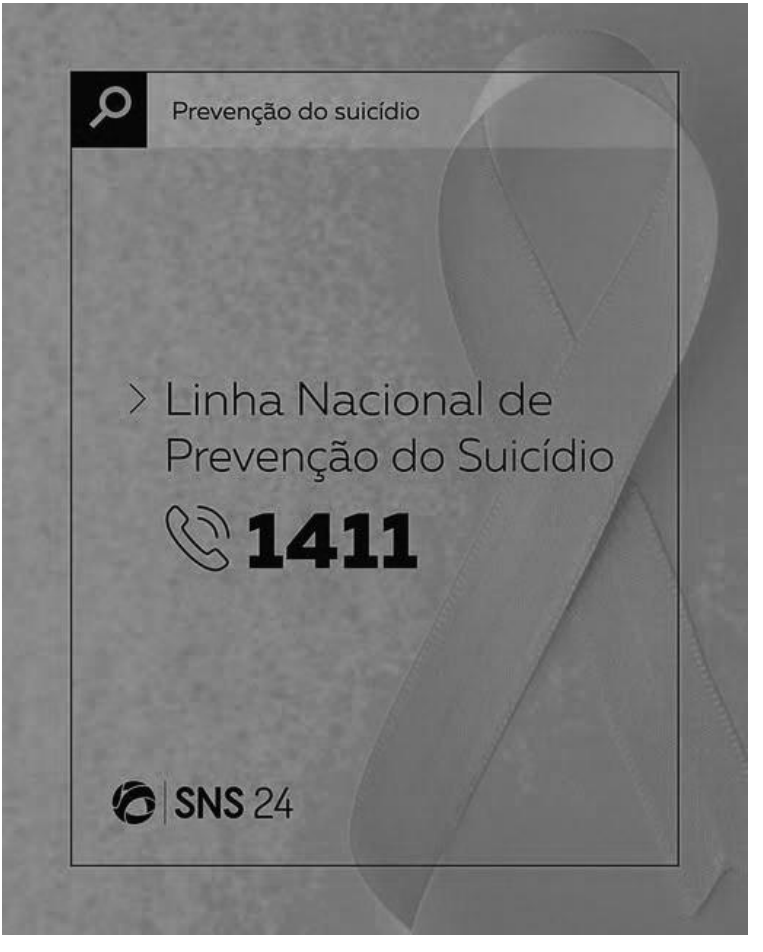
Claro que outros também têm a lida; mas o facto de continuarem a viver mostra que a aguentam melhor e nasceram para ela. Eu não. Toda a minha natureza se sente ultrajada pela vida que tenho sido forçado a levar. Vazia, fria, lúgubre, infernal.

Deixem que os lacaios cínicos dos jornais, por quem Bernard Shaw bem mostra o seu desprezo, riam e escrevam editoriais. Há-de chegar o dia em que os homens serão autorizados a viver, não a apodrecer, pese embora o *New York Times*.

Se mil homens pudessem ser persuadidos a suicidar-se em protesto, os poderes constituídos haviam de acordar e prestar atenção.

Levantai-vos, americanos que ainda tendes sangue nas veias, e livrai-vos dos vossos Comstocks, Bryans, hipócritas religiosos e gatunos; e deixai que os ditos degenerados e loucos tenham voz; e, se não viverdes mais amplamente e melhor, então bem mereceis o que vos couber.

A maioria está sempre errada, e a minoria dos super-homens e degenerados — Zolas, Ibsens, etc. — tem de se unir e derrubar todo o maldito sistema que leva os seus melhores, os mais sinceros e honestos, ao suicídio ou à fome.


Prevenção do suicídio
Linha Nacional de Prevenção do Suicídio
1411
SNS 24

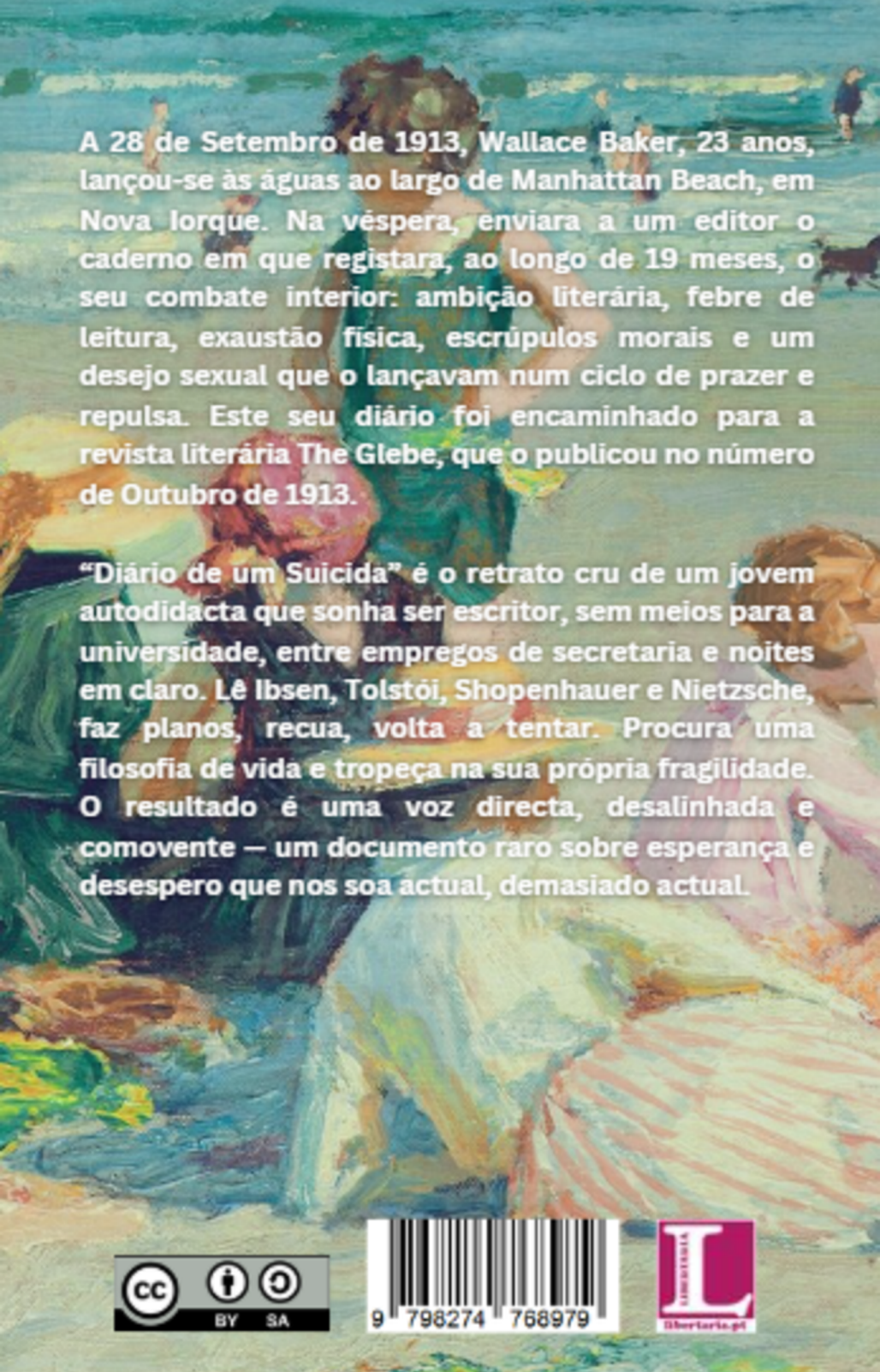
LINHAS DE APOIO
SOS VOZ AMIGA
213 544 545
Chamada para rede fixa nacional
912 802 669
Chamada para redes móveis nacional
963 524 660
Chamada para redes móveis nacional
TODOS OS DIAS ...
Das 15:30 às 00:30
Ligue-nos, nós escutamos!
@SOSVOZAMIGA

PATREON

Esta obra foi possível graças ao apoio dos nossos patronos, a Libertária é uma chancela editorial e um projecto cultural independente que depende apenas dos donativos dos seus sócios e dos seus patronos, pode consultar os nossos objectivos em PATREON.COM/LIBERTARIAPT

Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual CC BY-SA 4.0: é permitida a livre reprodução desta obra, mesmo para fins comerciais, desde que o autor e o editor (Libertaria.pt) sejam citados e a integridade do texto ou das partes utilizadas seja respeitada, pode consultar a licença na integra em creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/

Receba os nossos livros como oferta no seu domicílio e contribua para a viabilidade deste projecto editorial com um donativo mensal de 5€ (capa mole) ou 10€ (capa dura). Doe em patreon.com/LibertariaPT ou revistalibertaria.substack.com



A 28 de Setembro de 1913, Wallace Baker, 23 anos, lançou-se às águas ao largo de Manhattan Beach, em Nova Iorque. Na véspera, enviara a um editor o caderno em que registara, ao longo de 19 meses, o seu combate interior: ambição literária, febre de leitura, exaustão física, escrúpulos morais e um desejo sexual que o lançavam num ciclo de prazer e repulsa. Este seu diário foi encaminhado para a revista literária The Glebe, que o publicou no número de Outubro de 1913.

"Diário de um Suicida" é o retrato cru de um jovem autodidacta que sonha ser escritor, sem meios para a universidade, entre empregos de secretaria e noites em claro. Lê Ibsen, Tolstói, Shopenhauer e Nietzsche, faz planos, recua, volta a tentar. Procura uma filosofia de vida e tropeça na sua própria fragilidade. O resultado é uma voz directa, desalinhada e comovente — um documento raro sobre esperança e desespero que nos soa actual, demasiado actual.

CC BY SA

9 798274 768979

Libertaria.pt